DISTRIBUIÇÃO GRATUITA-VENDA PROIBIDA

REVISTA
Arqueiro

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
RIO DE JANEIRO | BRASIL

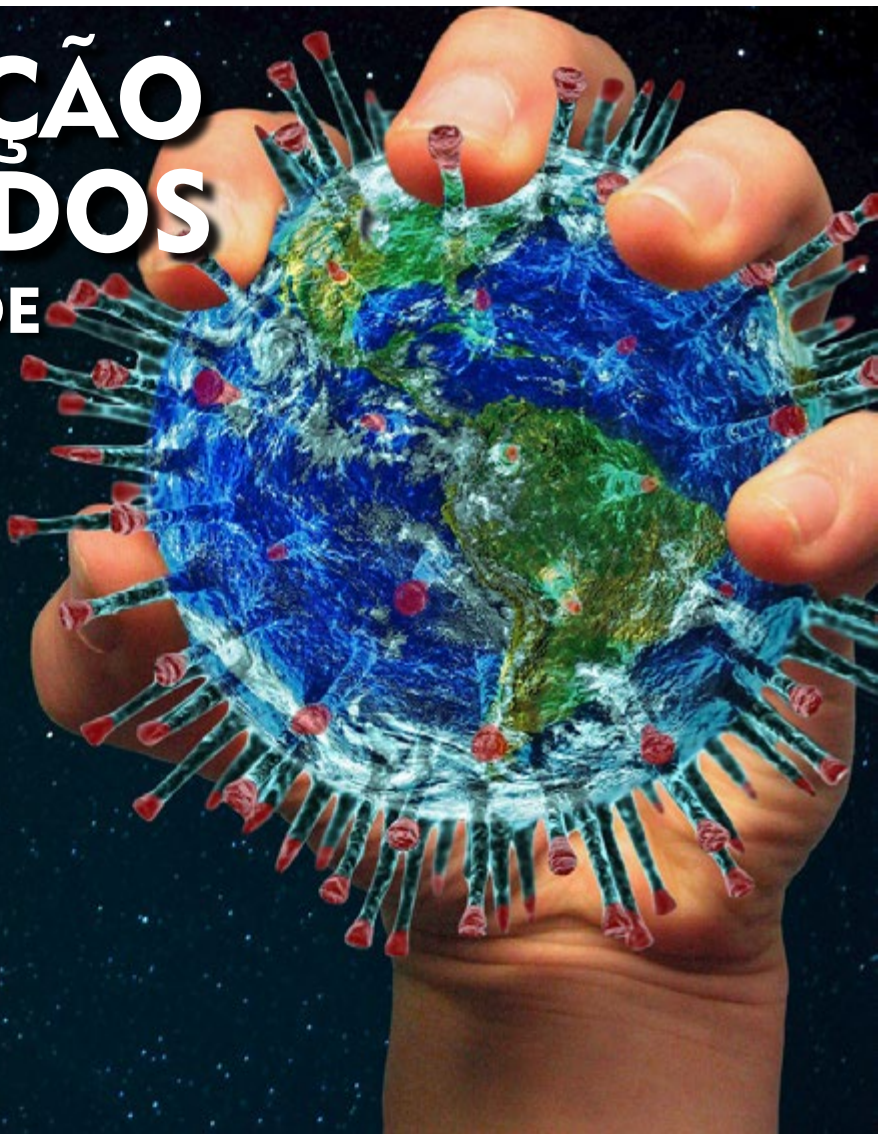
nº 41
2022

ISSN- 518-2495

PERIÓDICO DE DIVULGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO DE SURDOS

EDUCAÇÃO DE SURDOS

EDUCAÇÃO DE SURDOS EM TEMPOS DE PANDEMIA



O SURDO E O SISTEMA DE SAÚDE

PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS NA PANDEMIA

VÍDEOS EDUCACIONAIS NO ENSINO REMOTO

O SURDO E A REALIDADE SOCIAL

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO PRIMEIRO SEGMENTO

ENSINO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA

LIBRAS E LP ESCRITA | TECNOLOGIAS DIGITAIS | ESTRATÉGIAS EDUCACIONAIS

INES
Instituto Nacional de
Educação de Surdos

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



Lothar Dieterich/Pixabay

REVISTA

Arqueiro

PERIÓDICO DE DIVULGAÇÃO DE
EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS E PRÁTICAS
EM EDUCAÇÃO DE SURDOS

INES
Instituto Nacional de
Educação de Surdos

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

REVISTA ARQUEIRO
ISSN 1518-2495

GOVERNO DO BRASIL

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Jair Messias Bolsonaro

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Victor Godoy Veiga

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

DIRETOR GERAL DO INES
Paulo André Martins de Bulhões

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO
Andreza da Silva Gonçalves Raphael

COORDENAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS
Jean Fuglino de Paiva

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Maria Izabel dos Santos Garcia

PUBLICAÇÕES INES
COORDENAÇÃO EDITORIAL DDHCT/INES
Andreza da Silva Gonçalves Raphael
Ramon Santos de Almeida Linhares

SECRETÁRIA
Fabíola de Vasconcelos Saudan

COMISSÃO DE TRADUÇÃO
Alessandra Scarpin Moreira Delmar
Fabíola de Vasconcelos Saudan
Lenildo de Souza Lima

EDITORES ARQUEIRO
Dra. Marisa da Costa Gomes
Dra. Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz
Dr. Ricardo de Souza Janoario
Dra. Maria Carmen Euler Torres
Dra. Maria Inês Castro de Azevedo

CONSELHO DE PARECERISTAS
Aline Cristine Xavier da Silva Castro
Ana Luisa Antunes
Ana Teresa Andrade
Cássia Geciauskas Sofiato
Eder Barbosa Cruz
Huber Kline Lobato
Laura Jane Messias Belém
Lia Abrantes A. Soares
Marcia Moraes
Maria Carmem Euler
Priscilla Fonseca Cavalcante
Rita de Cássia de Oliveira e Silva
Roberta Savedra Schiaffino

PROJETO GRÁFICO
Ramon Santos de Almeida Linhares

PRODUÇÃO GRÁFICA
Partners Comunicação Integrada

COORDENAÇÃO GERAL
Samuel Costa

SUPERVISÃO DE PRODUÇÃO
Laís de Oliveira Rodrigues

COORDENAÇÃO DE DESIGN
Marie Azambuja

DIAGRAMAÇÃO
André Carvalho / Pablo Quezada

REVISÃO
Islene Santos

FOTO DA CAPA
Lothar Dieterich/Pixabay

Rua das Laranjeiras, nº 232 – 3º andar
Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP: 22240-003
Telefax: (21) 2285-7284 / 2205-0224
E-mail: revistaarqueiro.ines@gmail.com

· SUMÁRIO ·

ENTREVISTA: COM DRA. MARIA ANGÉLICA 08
ENTREVISTADORES
EDITORES DA REVISTA ARQUEIRO OSILENE CRUZ, MARISA LIMA E RICARDO JANOARIO

GARRAFAS AO MAR - UM PROCESSO DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA SURDOS NA PANDEMIA 14
LÍVIA LETÍCIA BELMIRO BUSCÁCIO
VERÔNICA DE OLIVEIRA LOURO
VANESSA ALVES DE SOUSA LESSER
BÁRBARA CAMILLA DE SOUZA CARVALHO

A EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES NA CRIAÇÃO DE VÍDEOS EDUCACIONAIS PARA SURDOS DURANTE A PANDEMIA 34
LUCIANA MORATELLI PINHO ANA LUÍSA ANTUNES CAMILA FORTES

ENSINO REMOTO E OS DESAFIOS DA PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE SURDOS 44
RACHEL CAPUCHO COLACIQUE
PATRÍCIA DA COSTA MENEZES

UM OLHAR PARA A REALIDADE DOS ALUNOS DO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS NA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS 60
ROSÁRIA DE FÁTIMA CORREA MAIA
JULIANA BARBOZA AMORIM DO NASCIMENTO
LEONARDO VELOSO

Arqueiro / Instituto Nacional de Educação de Surdos. – Vol. 1 (jan/jun 2000) – Rio de Janero : INES – v. : il. ; 28cm

Vol. 41 (2022), Semestral – ISSN-15 8-2495.

1. Surdos – Educação. I. Instituto Nacional de Educação de Surdos (Brasil).

COD-371.912

EDITORIAL

Prezad@s leitor@s

Com imenso prazer, apresentamos mais uma edição da Revista Arqueiro que aborda questões sobre as dificuldades do processo de ensino-aprendizagem durante a pandemia de COVID-19, especificamente no ensino de sujeitos surdos. Essa edição, em especial, teve a colaboração da Professora Lívia Buscácio, professora da Educação Básica do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Para iniciar essa edição temos a ilustre **ENTREVISTA** concedida pela Doutora Maria Angélica (INES), para relatar sobre uma questão de tanta relevância social, que é a saúde em tempos de pandemia e, mais especificamente, sobre o atendimento ao público Surdo nesse momento.

No artigo intitulado **GARRAFAS AO MAR - UM PROCESSO DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA SURDOS NA PANDEMIA**, as autoras relatam como efetuaram a produção de materiais para surdos durante o período da pandemia de 2020, trazendo propostas de vídeos que contam com a participação de professoras de Libras e de Língua Portuguesa, visando ao cuidado de si e com o outro, pensando no corpo em relação à parte física, emocional e psicológica. As autoras descrevem que, mesmo sem as condições para a troca e para a conversa com o aprendiz, imprescindíveis para a prática docente, extraídas pelo acontecimento da pandemia e agravadas pela ausência de assistência estudantil e de inclusão digital, coube a elas, no lugar de professoras, agir de acordo com o que puderam alcançar.

No texto **A EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES NA CRIAÇÃO DE VÍDEOS EDUCACIONAIS PARA SURDOS DURANTE A PANDEMIA**, as autoras trazem o debate sobre a produção de material didático acessível para alunos surdos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Destacam que a questão da acessibilidade digital no cenário pandêmico demandou uma urgente conectividade em função de uma adaptação para o funcionamento do fluxo de escolariza-

ção. Por tratarem especificamente de um grupo linguisticamente minoritário, os surdos, afirmam que um dos desafios que enfrentam, enquanto professores, consiste em pensar sobre como proporcionar um processo educativo de qualidade aos alunos à distância.

O artigo **ENSINO REMOTO E OS DESAFIOS DA PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE SURDOS** apresenta as iniciativas desenvolvidas durante o período emergencial de ensino remoto, no Setor de Ensino Fundamental – Primeiro Segmento – do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (SEF 1/CAP/INES), diante do desafio da produção de materiais impressos para os alunos das séries iniciais. O texto traz o relato de experiência das autoras, tendo como resultado algumas sugestões de atividades propostas. As autoras alertam que a tarefa na construção desses materiais específicos para educação de surdos não pode ser considerada um movimento fácil, pois pensar em propostas de ensino para os sujeitos surdos requer primeiramente uma imersão na cultura, na sua forma espaço-visual de ler o mundo e tempo para construir um material significativo de maneira que não coloque o sujeito surdo em questões minoritárias e discriminatórias.

O texto **UM OLHAR PARA A REALIDADE DOS ALUNOS DO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS NA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS** traz reflexões diárias vividas pelos Assistentes Sociais do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), junto com o Presidente da Associação de Pais do INES (APINES), após a decretação do estado de emergência na saúde pública do estado do Rio de Janeiro em razão do contágio do coronavírus, através do Decreto nº 46.973, de 16 de março de 2020. O artigo apresenta um levantamento socioeconômico, a fim de distribuir cesta básica para os alunos mais vulneráveis. Os autores alertam que é necessário estudar os casos dos alunos que estão suscetíveis à circulação do vírus, mesmo se mantendo no isolamento social, e de como eles estariam expostos e em risco ao coronavírus no trajeto Casa/INES.

Com muita satisfação este volume foi organizado para oferecer ao nosso leitor formação e informação.

Boas leituras!!!!

Os editores!

ENTREVISTA: Dra. MARIA ANGÉLICA

Concedida aos editores da Revista Arqueiro
OSILENE CRUZ, MARISA LIMA
E RICARDO JANOARIO

R. ARQUEIRO: Doutora Maria Angélica, estamos gratos em tê-la conosco, colaborando com a nossa revista sobre uma questão de tanta relevância social, que é a saúde em tempos de pandemia e, mais especificamente, o atendimento ao público surdo nesse momento.
Em primeiro lugar, poderia nos contar o porquê da escolha da Medicina como profissão?

Dra. MARIA ANGÉLICA: Gostaria primeiramente de agradecer o convite. Em relação à escolha da medicina, ela não se deu de forma linear. Não tive a experiência de conviver com pais ou familiares que fossem profissionais de saúde. Eu queria ser cientista. Estudar, pesquisar, descobrir as doenças e suas possibilidades de cura. Na minha infância, eu queria ser professora. Quando cheguei no terceiro ano do curso médico, eu descobri o paciente. O encontro com o outro foi marcante para mim. O outro com a sua dor, suas mazelas sociais e a medicina como uma ferramenta de, minimamente, amenizar o sofrimento. Isto foi marcante para mim. Ao mesmo tempo, percebi a importância do conhecimento técnico. Sem ele, não adianta somente acolher. Ambos são fundamentais. Ao médico cabe reconhecer e utilizar o conhecimento construído pela ciência aplicada e na sua própria experiência profissional.

R. ARQUEIRO: Relate um pouco sobre sua trajetória acadêmica e profissional como médica.

Dra. MARIA ANGÉLICA: Eu me formei em 1988 na Faculdade de Ciências Médicas da UERJ. Um pouco antes da conclusão do curso, decidi pela pediatria como especialidade devido à possibilidade de trabalhar com o desenvolvimento humano e com a prevenção de agravos. Em 1995, após um concurso para a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, fui direcionada para a área de terapia intensiva, especialmente a neonatal (recém nascidos), no Hospital Maternidade Carmela Dutra. Trabalhei nesta área de 1995 a 2017. Na Fundação Municipal de Niterói, atuo desde 2004. Exerci minhas atividades na Maternidade Alzira Reis, na Coordenação da Residência Médica de Medicina de Família e Comunidade e atualmente atuo no ambulatório de pediatria, onde atendo crianças e adolescentes, a maioria deles com agravos crônicos.
Em 2002, iniciei minhas atividades como docente na UNIGRANRIO e depois na Universidade Estácio de Sá, onde atuei até 2017, ano em que ingressei no INES. Em 2010, iniciei o mestrado em Bioética e Saúde Pública na Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz. Minha dissertação

ENTREVISTADA: Dra. MARIA ANGÉLICA
Médica graduada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Residência médica em Pediatria e Medicina de Adolescentes

Mestre em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva pela Escola Nacional de Saúde Publica/ FIOCRUZ

de mestrado teve como tema a Influência do Ambiente Universitário na Formação Moral do Médico.

R. ARQUEIRO: Quais são os principais desafios atualmente em atuar com o público surdo?

Dra. MARIA ANGÉLICA: Inicialmente o meu desconhecimento da Língua de Sinais. Ao chegar no INES passei, e ainda passo, pela experiência da privação linguística. Todos os sentimentos como constrangimento, exclusão, vivenciados pela população surda na sociedade passaram por mim. Imediatamente após, fui percebendo que não bastava saber a língua. Mas que seria necessário entender a cultura. Que a questão do sujeito surdo está além da dicotomia ouve/ não ouve. Acredito que ainda estou longe deste entendimento, mas hoje não me sinto tão desconfortável. Como médica, entendo que um dos meus papéis na instituição é de implementar programas de promoção de saúde e prevenção de agravos; é muito difícil propor medidas sem que os sujeitos surdos participem do seu desenvolvimento e implementação. Medidas que considero simples, podem se tornar complexas. Observamos isto na pandemia. O uso de máscaras, por exemplo, pode dificultar a observação da expressão facial, fundamental na comunicação através da Língua de Sinais.

R. ARQUEIRO: Nas instituições em que atua ou já atuou, existe(ia) alguma política de atendimento diferenciado para esse público?

Dra. MARIA ANGÉLICA: Nenhuma amplamente divulgada. Soube da disponibilidade de tradutores intérpretes para consultas médicas programadas após ingressar no INES. Nunca fui informada sobre esta possibilidade. Na verdade, nunca me atentei para esta necessidade, porque não via o sujeito surdo como autônomo. Estava enfocada na deficiência e não nas potencialidades. Assim, entendia que, como sujeito vulnerável e dependente, minha comunicação seria primordialmente com o acompanhante.

R. ARQUEIRO: Apesar de o inciso IX, do artigo 25 do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, garantir o "atendimento às pessoas surdas ou com deficiência auditiva na rede de serviços do SUS e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, por profissionais capacitados para o uso de Libras ou para sua tradução e interpretação", sabemos que o atendimento bilíngue e a presença de tradutores intérpretes nos espaços hospitalares ainda não é algo recorrente.

Qual é a sua orientação para Surdos que precisem de atendimento de urgência no contexto de pandemia causada pelo coronavírus?

Dra. MARIA ANGÉLICA: Infelizmente

ainda vivemos numa realidade em que a maioria dos profissionais de saúde entende o surdo a partir da perspectiva da deficiência e da incapacidade. Ou que a única forma de comunicação seria através da leitura labial e que, assim, estaria resolvida a questão comunicacional. Onde um fala e o outro "ouve", sem a possibilidade de argumentação. Poucos profissionais de saúde sabem da possibilidade de agendar um tradutor intérprete para consultas em saúde, por exemplo. Entretanto, vejo um grande número de profissionais (incluindo pessoas da graduação) interessados em conhecer a Língua de Sinais. Acredito que esta realidade poderá mudar. No momento, a minha orientação, neste momento emergencial, é que, se possível, eles compareçam ao serviço acompanhados por algum ouvinte que se comunique em LS ou com quem tenham familiaridade. Quando comparecerem a um serviço de saúde que procurem saber a existência de algum profissional que conheça a LS para auxiliá-los, especialmente nos casos de emergência. Nos atendimentos ambulatoriais, procurar o serviço de tradutores intérpretes para o agendamento para a consulta.

R. ARQUEIRO: Como tem sido sua rotina de estudo/atualização para lidar com as questões médicas e sociais relacionadas à pandemia?

Dra. MARIA ANGÉLICA: Eu atuo em duas frentes de serviço público. Na Fundação Municipal de Niterói, trabalho na Policlínica Regional Dr. Sérgio Arouca, onde atuei na linha de frente de enfrentamento à COVID-19 em 2020 e no INES no qual, além de outras atividades, participo do Comitê de Crise do INES. Nos dois locais, observo o quanto as iniquidades se aprofundaram nesta pandemia. Meus horários de trabalho/estudo são muito variáveis, até porque preciso conciliar com minha vida de mãe de um filho que estuda no remoto, de gerenciar a casa e cuidar também de casa e da minha mãe que tem 92 anos, que faz parte do grupo mais vulnerável. Tem sido um desafio conciliar todas estas funções. Meus horários de estudo são geralmente muito cedo, pela madrugada. Tenho o hábito de estudar cedo (acordo diariamente em torno de 5:30-6:00h) e nos intervalos das atividades.

R. ARQUEIRO: Poderia sugerir canais de informações confiáveis para que o público surdo possa obter informações e se atualizar sobre a pandemia e a covid-19, seja em Libras ou Língua Portuguesa?

Dra. MARIA ANGÉLICA: As fontes mais confiáveis são as de órgãos internacionais como a OMS (Organização Mundial de Saúde), OPAS (Organização Pan Americana de Saúde) e centros de pesquisa. Temos centros de excelência, como a FIOCRUZ, e os centros de pesquisa de universidades, como a UFRJ, UFF, UERJ, USP, UNICAMP, apenas para citar algumas. A seguir

seguem alguns links para obter informações seguras e com acessibilidade em Língua de Sinais.

https://www.paho.org/pt/materiais-comunicacao-sobre-covid-19#atividade

https://portal.fiocruz.br/Covid19

https://portal.fiocruz.br/coronavirus-videos-com-recurso-de-acessibilidade

https://dadoscovid19.cos.ufrj.br/pt

R. ARQUEIRO: Na sua opinião, como as instituições de saúde podem atuar de maneira mais eficaz para incluir os sujeitos surdos no atendimento médico?

Dra. MARIA ANGÉLICA: A questão da acessibilidade linguística é fundamental para incluir os sujeitos surdos e conferir autonomia. Entretanto, sabemos que a aquisição linguística é um processo demorado, pois envolve o entendimento de uma cultura e da interpretação de determinados símbolos. Isto demandaria não somente tempo, mas o convívio com a Cultura Surda. Assim, além de uma política de Estado e de Governo, deve haver uma demanda clara. Há diversos entendimentos de como uma política de acessibilidade à pessoa surda poderia se transformar num programa de saúde. Porque a acessibilidade linguística se traduz em melhora da informação e do cuidado. Alguns entendem que os médicos devem aprender e serem fluentes em Língua de Sinais. Outros que bastaria a disponibilidade de tradutores intérpretes nas unidades de saúde; outra forma seria que uma parte dos funcionários fosse capacitado em Língua de Sinais. Eu entendo que as políticas e os programas de acessibilidade precisam entender a demanda de cada setor. Se um profissional for capacitado em LS e atender 1 paciente surdo a cada 2 meses, em pouco tempo perderá a fluência. Mas terá noções básicas de LS. Em relação aos profissionais que atuam especificamente em saúde mental, há necessidade de fluência para o entendimento das singularidades deste tipo de atendimento e demanda.

R. ARQUEIRO: Qual foi sua experiência mais marcante neste período de pandemia?

Dra. MARIA ANGÉLICA: Três questões me impactaram: (1) a velocidade de transmissão e as diferentes formas de apresentações clínicas da COVID. Passou de uma doença que acometia as vias respiratórias para uma doença que pode atingir qualquer órgão e de forma rápida e traiçoeira; (2) a união de cientistas, médicos e diversos profissionais de saúde com a finalidade de se buscar as melhores formas de cuidar destes pacientes. Graças aos meios de comunicação, conseguíamos discutir casos de todo o mundo, trocando experiências; e (3) negação, por parte do poder público, da ciência como referência para as políticas públicas. Tendo a acreditar

que esta postura está relacionada à disputa de espaços de poder. Educação e Ciência se tornando o centro das políticas de Estado e, portanto, tendo prioridade na distribuição de recursos financeiros.

R. ARQUEIRO: No contexto do INES, quais são as suas preocupações acerca do entendimento e dos cuidados dos sujeitos surdos com relação à covid-19?
Dra. MARIA ANGÉLICA: Pela dificuldade de acessibilidade linguística, quem domina a língua também ocupa um lugar de poder na Comunidade Surda. E pode manipular as informações, facilitando a disseminação de "fake news".

R. ARQUEIRO: Na sua opinião, de que forma o aluno do INES pode ser bem atendido? Se está se refere? No SUS? No INES?
Dra. MARIA ANGÉLICA: O INES, enquanto centro de referência na área de surdez, é um dos responsáveis pela formulação de políticas públicas na área de surdez e da pessoa surda, tanto para a educação como para a saúde. No INES, os profissionais de saúde estão voltados para a atenção à saúde escolar e fazem a ponte entre a escola e os profissionais assistentes, seja no SUS ou na esfera privada. O que ocorre na rede assistencial (SUS) é a falta de profissionais que tenham familiaridade com o mundo dos Surdos e, especialmente, com a Língua de Sinais. Lembrando que não são todos os Surdos que utilizam a LS para comunicação. Outros aspectos como postura corporal durante a consulta (falar diretamente à pessoa surda), utilizar a receita médica como instrumento de transmissão de orientações claras em Língua Portuguesa escrita, são algumas das orientações aos profissionais que atendem a pessoa surda.

R. ARQUEIRO: Passar por esse período trouxe alguma mudança pessoal ou lição de vida?
Dra. MARIA ANGÉLICA: Sim e acredito que para todos. Para mim o que fica é o quanto tudo na vida é provisório e o quanto devemos preservar nossos afetos e o nosso sentido de comunidade e sociedade.



GARRAFAS AO MAR - UM PROCESSO DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA SURDOS NA PANDEMIA

LÍVIA LETÍCIA BELMIRO BUSCÁCIO
VERÔNICA DE OLIVEIRA LOURO
VANESSA ALVES DE SOUSA LESSER
BÁRBARA CAMILLA DE SOUZA CARVALHO

RESUMO

Relatamos nosso trajeto de produção de materiais para surdos no período da pandemia de 2020: vídeos tecidos em muitas linguagens pelas professoras de Libras e de Língua Portuguesa, que visam ao cuidado de si e com o outro, pensando no corpo em relação à parte física, emocional e psicológica. Nestes materiais em vídeo e em pdf, a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa se entrelaçam a linguagens visuais, como o próprio vídeo, a fotografia e o desenho, para possibilitar efeitos de sentidos e a simbolização do real sobre como a pandemia e a sociedade têm se apresentado aos sujeitos surdos. Os materiais estão disponíveis no site e no canal do YouTube da educação básica do Colégio de Aplicação do INES.

Palavras-chave: Materiais didáticos. Libras. Língua Portuguesa. Linguagens. Educação para surdos.

RESUMEN

Relatamos nuestro trayecto de producción de materiales para sordos durante el período de pandemia de coronavírus en 2020: vídeos tejidos en lenguajes múltiples por las profesoras de Libras y Lengua Portuguesa, que objetivan el cuidado de sí mismo y con el otro, pensando en el cuerpo con relación a la parte física, emocional y psicológica. En estos materiales en vídeo y en pdf, la lengua de señales brasileña (Libras) y la lengua Portuguesa se entrelazan a lenguajes visuales, como el propio vídeo, la fotografia y el dibujo, para posibilitar efectos de sentidos y la simbolización del real sobre cómo la pandemia y la sociedad se han presentado a los sujetos sordos. Los materiales están disponibles en la página web y en el canal de YouTube de la educación básica del Colegio de Aplicación del Instituto Nacional de Educación de Sordos (INES).

Palavras clave: materiais didácticos. Libras. Lengua Portuguesa. Lenguajes. Educación para sordos.

LÍVIA LETÍCIA BELMIRO BUSCÁCIO
INES. Doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (RJ). liviabuscacio@ines.gov.br; liviabuscacio@gmail.com

VERÔNICA DE OLIVEIRA LOURO
INES. Mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (RJ). veolivlouro@hotmail.com; vlouro@ines.gov.br

VANESSA ALVES DE SOUSA LESSER
INES. Mestrado profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (RJ). vanessalesser@ines.gov.br; vanessalesser@gmail.com

BÁRBARA CAMILLA DE SOUZA CARVALHO
INES. Especialização em Língua Brasileira de Sinais pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (SP). bcamilla@ines.gov.br; kamyrella@gmail.com

PARA INÍCIO DE CONVERSA

> "*Não há 'fato' ou 'evento' histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e consequências*" (HENRY, 2010, p.47)

Contamos aqui nosso processo do lugar de professoras para surdos na produção de materiais pedagógicos frente à pandemia em 2020, um fazer a oito mãos que, sinalizando e escrevendo, compartilham angústias, saberes e práticas e buscam na conversa uma ação pedagógica (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018). É preciso dizer que nosso lugar de professoras da Educação básica no Instituto Nacional de Educação de Surdos é constituído distintamente e em elo: duas professoras surdas da disciplina de Língua Brasileira de Sinais (Libras), que lecionam das séries iniciais do ensino fundamental ao ensino médio, sendo uma atuante na pós-graduação; duas professoras ouvintes das disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura, do 6º ano ao ensino médio e da pós-graduação. Nosso encontro se dá no lugar de professoras identificadas em um estar entre-línguas[1] – línguas de matérias e histórias diferentes – e o desejo de semear saberes confluindo línguas e linguagens na educação para surdos (e não de surdos). Nossas conversas sobre o fazer pedagógico tomaram um outro rumo com o acontecimento da pandemia; da angústia provocada pelo real fomos impelidas a produzir, lançar e difundir aos aprendizes surdos materiais pedagógicos na internet sobre possibilidades de cuidado de si e com o outro.

O *status* de pandemia do coronavírus é um fato histórico, mundial, um real que se impõe – pela iminência da morte – e instaura modos de dizer, modos de fazer e de conviver. Coronavírus, *Sars-cov-2*, COVID-19, pandemia, *lockdown*, higienização, aglomeração, isolamento, quarentena, #ficaemcasa... Passa a circular todo um arsenal de palavras, regras e condutas para a vida em sociedade: um passo a passo para o cuidado com a higiene do corpo e da casa, do que se come e consome, bem como o uso de máscaras.

As redes virtuais, para quem tem acesso a elas[2], ganharam ainda mais o caráter de um espaço de comunicação, entre o público e o privado; as informações vindas dos jornais, vídeos tutoriais do Youtube, tornaram-se a sala de estar para encontrar os amigos e familiares, o escritório para o trabalho, o consultório médico, a sala de aula, etc., maneiras de lidar (e não lidar) com o real, que marcam o sujeito e as línguas. Nas ruas, por outro lado, pessoas munidas com máscaras, *face shield*, álcool gel e distanciamento nas filas de bancos, mercados e transportes dividem e disputam com outros que, por recusa, capturados por *fake news* e dizeres vindos de uma autoridade como "é só uma gripezinha", se aglomeram em

1 - A questão da fluidez entre línguas na aquisição da linguagem e na constituição do sujeito é analisada por Pereira Castro (2006); e Aquino (2016) analisa como as noções de língua materna, L1, L2, dentre outras, foram produzidas e significadas a partir de diferentes campos dos estudos da linguagem. Verônica Louro trouxe a designação "entre-línguas" na sua dissertação de mestrado (2017), e Lívia Buscácio vem trabalhando com essa designação, aprofundando-a e desvendando seus sentidos, para pensar na relação entre sujeito, a experiência de ser surdo e as Línguas de Sinais e orais.

2 - Vale ressaltar que até a data de finalização do artigo, na primeira semana de outubro de 2020, ainda não havia sido disponibilizado aos estudantes do INES qualquer plano de inclusão digital, que estaria sendo providenciado, conforme a direção do instituto.

bares e festas agora 'clandestinas', sem máscaras ou com máscaras no pescoço. Há ainda, pela vulnerabilidade, aqueles sem recursos e acesso a informações confiáveis, obrigados a trabalhar fora de casa, isso quando têm casa e trabalho, a observar a mudança e se perguntar sobre o que está acontecendo que modifica a rua e os corpos que nela transitam[3]. Nesses casos, uma pessoa ouvinte ainda pode captar algo pelas conversas que circulam, ainda que um ruído na arena entre um dizer científico, que apresenta constatações e evidências com base em pesquisa, e as 'informações' oriundas de uma deslegitimação do saber, que cumprem seu papel no jogo pelo poder, as chamadas fake news. E uma pessoa surda? De que maneiras são produzidos sentidos nas condições da pandemia? O que é produzido em Língua de Sinais sobre tal acontecimento, lembrando que nenhuma língua está intocada da arena discursiva da luta pelo dizer?[4] Vídeos sobre a pandemia produzidos por instituições de pesquisa circulam com legenda em Língua Portuguesa e/ou com janela de tradução em Libras? E, ainda assim, nossos aprendizes surdos, em sua maioria em vulnerabilidade social, teriam acesso a esses materiais e a possibilidade de autocuidado durante esse período?

Trata-se a pandemia, pois, de um acontecimento, que exige entrar na cadeia da significação, um fato que reclama por sentidos, como afirma Paul Henry na epígrafe que trouxemos (*idem*). Há de se considerar, ainda, uma distensão entre o tempo de narrar o acontecimento e o acontecimento em si, isto é, o tempo para se produzir um material pedagógico sobre a pandemia e o tempo da própria pandemia são conflitantes. E, segundo Guilhaumou (2009, p. 135), "o acontecimento narrado produz reservas de sentido sobre a base de uma necessidade de historicidade".

Como esclarece Orlandi (2009), a produção de sentidos é sujeita a dadas condições e consiste em um processo que se alicerça na língua. O que podíamos fazer, do lugar de professoras de línguas para surdos, perante um cenário de pandemia, em que o real se impõe de forma tão imperiosa? Estariam nossos aprendizes informados sobre a necessidade de autocuidado para não se contaminarem e nem transmitirem a doença? De que modo os aprendizes surdos estariam atribuindo sentidos e como simbolizariam o acontecimento da pandemia? Sem contato, desde que foi decretada a necessidade de suspensão das aulas presenciais e de permanecermos em casa, como será descrito posteriormente, fomos impelidas à conversação por meios virtuais, como os aplicativos *Whatsapp*, Zoom e Marco Polo, para pensarmos juntas em modos de produção de materiais pedagógicos que pudessem colaborar com o enfrentamento da pandemia por surdos e seus familiares. Desta maneira, fomos levadas

3 - Trazemos uma das possibilidades de leitura sobre a pandemia e seus efeitos, de forma breve, por um olhar discursivo. Há sempre outros modos de dizer e significar.

4 - E nos espantou, no início da nossa conversa, tanto a escassez de materiais de instituições de pesquisa ou baseados nelas com informações essenciais como conduta de higiene (que foram emergindo durante a pandemia), como a presença de vídeos em Libras nas redes sociais a serviço da desinformação.

a "estranhar e interrogar o já conhecido, o dado por certo, por óbvio. Abrir-se a experimentações, à surpresa e, talvez, quem sabe, experienciar o conversar também enquanto e quando pesquisamos" (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018, p. 30).

Por esta via, lançamos garrafas ao mar: produzimos vídeos e materiais para nossos aprendizes, sem a garantia de que eles pudessem acessá-los, como os navegantes e náufragos que, em alto mar, lançavam suas mensagens para quem, por acaso, pudesse lê-las. As garrafas com nossas mensagens lançadas pela vastidão da internet poderiam chegar também aos familiares de nossos aprendizes, à comunidade surda de forma geral, para além do instituto, a quem pudesse interessar.

A seguir, esmiuçaremos nosso relato em duas partes. Trataremos sobre as condições de produção no instituto e os passos para a realização de nosso trabalho. Ao final de nosso artigo, segue um apêndice, composto pelo inventário de vídeos e de outros materiais que desenvolvemos durante a pandemia, até agosto de 2020.

1. AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS MATERIAIS NO INSTITUTO DURANTE A PANDEMIA

Nesta seção, descreveremos a nossa leitura das condições materiais da pandemia em 2020 e seus efeitos no INES, em relação à produção de materiais na educação básica. Isto é, apresentaremos em nosso relato de que maneira "as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico" (ORLANDI, 2009, p.30) e afetam substancialmente, no caso, o lugar de professor e seu fazer pedagógico. Desta forma, a escritura de nossa experiência, baseada na Análise de discurso (PÊCHEUX, ORLANDI), é pautada no que Orlandi (2008, p. 51-52) ensina :"A escrita, enquanto formulação do analista, deve textualizar a relação entre descrição e interpretação que o afeta e que se constitui em seu método de trabalho."

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou que a doença causada pelo novo coronavírus alçou a um caráter de pandemia[5]. A partir dessa declaração, vários países atentaram para o risco iminente e adotaram uma série de medidas para prevenir infecções, salvar vidas e minimizar o impacto da contaminação por covid-19.

No Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), em reunião realizada no dia 13 de março de 2020, foi determinado que as aulas presenciais estavam suspensas, seguindo as orientações da OMS. Um espectro de insegurança gerado pelo acontecimento da pandemia atingiu a comunidade escolar: não sabíamos quanto tempo iria durar o isolamento social e as informações sobre a pandemia iam ganhando novos elementos, gerando uma instabilidade quanto às ações futuras. Primeiramente, aguardaríamos por um mês para o retorno às aulas de forma segura.

5 - Cf.: htt ps://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812. Acesso em: 30 ago. 2020.

Porém, ao passo que víamos as notícias sobre a pandemia, mais percebíamos que a espera seria longa.

Diante do acontecimento, o INES formou um Comitê Consultivo Emergencial (CEC-INES), homologado pela portaria 078, de 17 de março de 2020, para discutir o cenário da emergência em saúde pública decorrente do coronavírus e suas interfaces com as particularidades institucionais do INES. Analisando a situação de contágio daquele momento na cidade do Rio de Janeiro, realmente, não seria seguro para ninguém o retorno às aulas presenciais. Então, o que fazer em relação aos aprendizes e familiares?

Tínhamos um impasse muito grande, devido à não previsão de retorno. Qual era a situação real dos nossos aprendizes do Departamento de Educação Básica (Debasi)? Recebiam informações confiáveis para se protegerem da doença? Estavam passando fome? E suas famílias, como estariam lidando com a situação de isolamento? Haveria aparelhos eletrônicos e a possibilidade de acesso à internet, para que pudessem navegar na rede para estudar, se divertir e interagir em Libras? O que poderíamos fazer para atendê-los, uma vez que nossos aprendizes são surdos e nossa interação com eles se dá na fluidez e na tensão entre Libras e Língua Portuguesa escrita, atravessadas por linguagens outras? Essas eram algumas indagações que geravam debate em reuniões semanais realizadas entre a Coordenação de Orientação e Acompanhamento da Prática Pedagógica (COAPP), os professores representantes de cada equipe, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio e o representante dos assistentes de alunos.

No começo da pandemia, a maioria dos professores defendia que deveríamos esperar o retorno das aulas presenciais, baseados em fatores como a falta de inclusão digital[6] dos aprendizes, por escassez de recursos e políticas públicas, e as dúvidas e críticas quanto ao ensino remoto, dentre outros. Com a dinâmica da pandemia impondo incerteza e insegurança, foi suspenso o primeiro semestre letivo de 2020, o que ocorreu em diversas escolas da rede pública. Nas reuniões on-line e em grupos de *Whatsapp*, emergia um dizer sobre a necessidade de chegar de alguma forma aos aprendizes, movidos pela constatação de que informações embasadas cientificamente sobre a prevenção e luta contra o coronavírus ainda não circulavam em Língua de Sinais. Para entender melhor essa última preocupação dos professores, cabe relatar brevemente as condições em que nossos aprendizes se encontram.

No INES, de acordo com as normas e procedimentos internos para cadastramento de candidatos a estudantes do Colégio de Aplicação do INES (CAp-INES), é necessário ser portador de surdez neurossensorial bilateral. Analisando discursivamente o documento, nota-se a marca

6 - É preciso enfatizar que as iniciativas para assistência emergencial estudantil e inclusão digital em outras instituições federais de ensino começaram a ser concretizadas em abril de 2020, a exemplo do Colégio Pedro II, como se nota na PORTARIA Nº 0892, de 27 de abril de 2020 e em notícia sobre a inclusão digital no site do Colégio, de 14 de agosto de 2020, disponível em: http://www.cp2.g12.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10311&catid=190&Itemid=1071. Acesso em: 25 ago. 2020.

de um discurso médico sobre o imaginário de um perfil de aluno do instituto. Além disso, pela convivência e pelos levantamentos da Divisão Socio-Psicopedagógica do INES (DISOP), apresentados na reunião de abertura do ano letivo de 2020, observamos que eles são oriundos, em sua grande maioria, de famílias em situação de vulnerabilidade social, residindo em bairros mais afastados do instituto, localizado na área nobre do Rio de janeiro. Os dados apontam ainda que há estudantes e familiares residentes em outras cidades do Estado do Rio de Janeiro como Duque de Caxias, Belford Roxo, Itaboraí, Magé, dentre outras.

Vale considerar, também, a questão da acessibilidade dos principais meios de comunicação brasileiros – a televisão e a internet – é muito incipiente, ainda mais para surdos identificados com a Libras. Quanto à primeira, cabe lembrar que a conjuntura brasileira parece ignorar os surdos no que diz respeito à acessibilidade de informações veiculadas. Embora exista o recurso do *Closed Caption*, muitos surdos têm uma relação ainda distanciada com a Língua Portuguesa escrita, assim, apenas a legenda nesta língua não garante um entendimento do que está sendo dito oralmente. Uma possibilidade seria uma programação com tradução e interpretação em Libras, aliada a uma construção imagética do conteúdo veiculado em sintonia com as línguas em que foram produzidos os vídeos.

No entanto, os principais canais da TV aberta como, por exemplo, Globo, Rede TV, Band, Record não disponibilizam janelas com intérpretes de Libras na programação regular, exceto nos pronunciamentos e propagandas políticas do governo e de temas relacionados às eleições. Além das TVs Câmara, Justiça e Senado, com intérpretes na transmissão, a TV Brasil e a TV Cultura oferecem acessibilidade em Libras em programas de notícias. Segundo o site do Governo do Brasil (gov.br)[7], a TV Brasil é a única emissora brasileira que tem um jornal produzido exclusivamente para os surdos – o Jornal Visual – e, também, oferece tradução e interpretação de programas, entrevistas, propagandas e pronunciamentos do governo federal.

Quanto à internet, vale ressaltar que o espaço virtual de comunicação, por sua visualidade e por possibilitar às línguas de sinais tanto uma maior circulação como um encontro com as línguas de modalidades oral e escrita na materialidade de sites e vídeos, vem abrindo ao surdo uma maior integração em sua comunidade e também um trânsito maior por outros grupos e lugares. As redes sociais permitem uma interação em Libras, por meio de vídeos e videochamadas, e em Língua Portuguesa escrita, ligada muitas vezes a recursos imagéticos como fotografias, figurinhas, emoticons e emojis. Além disso, impelidos pela Lei de acessibilidade, Lei nº 10098 de 2000, e ainda mais pelos acréscimos a esta com a Lei Brasileira

7 - Cf. https://www.gov.br/pt-br/servicos/acessar-conteudos-informativos-e-culturais-em-libras-pela-tv-aberta. Acesso em: 22 set. 2020.

de Inclusão, Lei nº 13.146, de 2015, começam a circular veículos institucionais com a acessibilidade em Libras, como o site da Fiocruz, por exemplo, bem como canais de instituições e sites de grupos de pesquisa e o surgimento de webTVs, com destaque para a TVINES, com uma programação diversa em Libras e Língua Portuguesa escrita e oral. Em outra via, não institucional, emergem, no Youtube e em outras redes sociais, vídeos em Libras, ou em Libras e com legendas e/ou áudio em Língua Portuguesa, elaborados por surdos e ouvintes.

No INES, presencialmente, havia a possibilidade dos aprendizes acessarem à internet, mas, com o acontecimento da pandemia de coronavírus, teriam eles acesso em casa? Essa pergunta permeava as reuniões docentes e não tínhamos uma resposta. Por sua vez, os familiares, representados por sua associação – a APINES – solicitaram aos professores materiais para auxiliá-los junto aos filhos no esclarecimento sobre a pandemia de COVID-19. Ademais, diante de tantas ofertas de conteúdos pela internet, embora seja escassa a presença da Língua de Sinais neste excesso da internet, como orientar nossos aprendizes a acessar informações fidedignas sobre coronavírus, por exemplo?

Movidos por esses questionamentos, um grupo de professores trabalhou na criação de um site[8] (www.ines.gov.br/debasi), de forma a publicizar materiais elaborados por servidores do departamento de educação básica. O objetivo do site é, então, a veiculação de vídeos e de outros materiais pedagógicos para os aprendizes e familiares para, inicialmente, colaborar com o enfrentamento da pandemia, e seguir com a difusão desta produção para surdos em outras vias. O propósito maior foi brindar a comunidade escolar com orientações sobre a pandemia, a compreensão sobre o isolamento social, práticas de cuidado de si, desde a proteção e higiene do corpo e da casa, à precaução em relação às *fake news*. Para além da pandemia, mas atravessada por ela, vêm sendo produzidos e difundidos materiais sobre o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), bem como atividades de entretenimento como jogos, brincadeiras, dicas culturais e receitas.

A equipe de criação e difusão do site, procurando atender melhor o público variado, discriminou o layout da página por faixa etária: para crianças e adolescentes – parte voltada para os discentes matriculados na Educação Infantil (SEDIN) e Educação Fundamental do 1º ao 5º ano (SEF-1); para adolescentes, jovens e adultos – foco nos matriculados do Ensino Fundamental Noturno do 1º ao 5º ano (SEF1-N), do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano (SEF-2) e do Ensino Médio (SEME) diurno e noturno. Para esse segundo grupo, foram escolhidos os seguintes temas: Para me informar – notícias importantes sobre coronavírus e outros temas essenciais para os aprendizes; Para me proteger – ações

8- Projeto coordenado pela professora Patrícia Temporal, com auxílio de outros professores do Cap-INES na organização do site, como André Cordeiro, Verônica Louro, Lívia Buscácio, Vanessa Lesser, Bárbara Camilla, Tiago Ribeiro.

práticas de proteção e prevenção contra o coronavírus; Para me exercitar – com propostas de atividades lúdicas e de estímulo ao senso crítico.

É válido ressaltar que o aprendiz não tinha obrigatoriedade de acessar o site, uma vez que nem todos teriam internet disponível em suas casas. Outro aspecto relevante é que as informações ali veiculadas foram elaboradas pelos próprios servidores do instituto e vale destacar que a adesão dos trabalhadores teve caráter voluntário, tanto para a produção e envio de materiais para o site como para a participação na organização, edição e divulgação, com pouco ou nenhum suporte técnico do instituto, apesar de muitos de nós não termos formação para lidar com a tecnologia necessária para a gravação e edição de vídeos. A diretora do Debasi se mostrou solidária a este fato e buscou a parceria com o Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico (DDHCT) para o trabalho do editor do estúdio Flausino Gama. No entanto, há apenas um funcionário habilitado para a edição de vídeos no estúdio, o que dificultou atender a toda a demanda dos professores.

Antes de descrever nossa experiência com a produção de vídeos para o site do Debasi, cabe salientar outras iniciativas surgidas no CAp-INES no período de maio a outubro de 2020, por isso as apresentamos brevemente.

Quanto às atividades relacionadas ao site[9], após sua publicação e a partir das discussões entre as equipes docentes, foi fomentado um projeto pedagógico de produção de vídeos para os setores pedagógicos do DEBASI, em que cada equipe ficaria responsável por desenvolver um tema discutido em COAPP, o que não impedia outras equipes de colaborarem na produção de materiais interdisciplinares e outros para além desta proposta, se assim desejassem.

No período de maio a julho, os setores SEF1-N, SEF-2 e SEME selecionaram e desenvolveram os seguintes temas: *Gratidão aos profissionais que trabalhavam durante a pandemia* – equipe de Língua Portuguesa e Literatura; *Solidariedade na pandemia* – equipe de Língua Estrangeira; *Sentimentos e emoções na pandemia* – equipe das séries iniciais no noturno; *Avaliação dos dados da pandemia com informações numéricas e análise social* - equipe de Matemática e Geografia; *Arte e memória como resistência na pandemia* – equipe de Artes. Já a equipe de Biologia, por exemplo, produziu vídeos para esclarecimento sobre o novo vírus. A equipe do 1º ao 5º ano do diurno (SEF-1) seguiu um direcionamento diferente e produziu outros materiais e vídeos sobre coronavírus, voltados ao público-alvo que atende: "Para crianças e adolescentes". Por sua vez, a educação infantil (SEDIN) já vinha trabalhando com o slogan "Eu daqui, você daí, e o INES entre nós", produzindo vídeos para o site com atividades para os alunos do setor. Enquanto isso, a DISOP

9 - Outras atividades foram desenvolvidas no instituto, como os trabalhos da Divisão de Fonoaudiologia (DIFON), dentre outros. Algumas equipes de docentes do SEF-2 e SEME deram preferência por pensar em atividades de planejamento e de acolhimento no momento de um futuro retorno presencial, ainda marcado por incertezas. Nós nos detivemos aqui apenas na descrição das atividades relacionadas ao site.

produziu e enviou vídeos e outros materiais sobre a temática para a publicação no site. Como exemplo de iniciativa individual, a intérprete Aline L'Astorina disponibilizou para o site vídeos informativos sobre o assunto, de sua autoria e divulgados em sua rede particular. Dessa maneira, frisamos que tais ações tiveram caráter voluntário, no sentido de se configurar em uma escolha para a participação e os modos de produção dos materiais[10]. Para finalizar, a equipe de tradutores-intérpretes do CAp-INES (TILS) trabalhou em reuniões on-line de planejamento, na tradução de vídeos com áudio e/ou legenda e no atendimento para tirar dúvidas sobre o COVID-19. Assim, as atividades foram realizadas mesmo com todas as dificuldades de um trabalho remoto.

Uma outra iniciativa adveio de uma resolução da direção do DEBASI de que a melhor forma de atingir os estudantes durante a pandemia, enquanto o instituto não promovesse a inclusão digital, seria a produção de materiais impressos de todas as disciplinas, podendo ser interdisciplinares, caso os professores desejassem. Essa decisão teve caráter obrigatório para os docentes. A confecção de materiais didáticos impressos começou em agosto de 2020, e não foi fruto de amplo debate entre os professores[11].

Finalizada essa contextualização, nosso gesto interpretativo sobre as condições de produção, vamos relatar a seguir nossa experiência sobre como nós, professoras da Educação Básica e autoras deste artigo, produzimos nossos vídeos, mesmo sem estarmos familiarizadas com programas de edição; como foi esse processo de criação e construção de conhecimento entre línguas e linguagens para surdos. E, se dizemos do lugar de professoras, o significamos constituído por outros, afinal, "todo lugar 'próprio' é alterado por aquilo que dos outros, já se acha nele" (CERTEAU, 1998, p.110).

2.PRODUZIR VÍDEOS, DO LUGAR DE PROFESSORAS DE SURDOS

A produção de vídeos na pandemia parte de uma necessidade por conversa com nossos aprendizes, uma vez que estávamos isolados socialmente e não podíamos lecionar presencialmente. Vimos, então, que os aprendizes surdos, em especial, diante de tudo que foi apresentado anteriormente, precisavam de orientação, de fontes seguras de informação, acessíveis em Libras e, para atender às famílias ouvintes com pouca fluência na Língua de Sinais, julgamos importante que os vídeos contassem com a versão voz e com legenda em Língua Portuguesa.

Porém, não por nosso desejo, não pudemos produzir todos os vídeos com legenda em Língua Portuguesa, primeiramente, porque tínhamos urgência para disponibilizar os materiais para nossos aprendizes, apoiando-os a cuidar do corpo e da mente durante a pandemia; em

10 - Todos os vídeos e materiais mencionados podem ser encontrados no site do Debasi: www.ines.gov.br/debasi, com exceção das atividades de planejamento, materiais impressos e de acolhimento para aulas presenciais.

11 - Vale destacar que, de abril a julho de 2020, foram vários os pareceres publicados pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e que podem ser encontrados em http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/atos-normativos--sumulas-pareceres-e-resolucoes/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/90771-covid-19. Além disso, é importante observar a Portaria do MEC nº 544, de 16 de junho de 2020, que no art 1º, 2º§, que afirma: "Será de responsabilidade das instituições a definição dos componentes curriculares que serão substituídos, a disponibilização de recursos aos alunos que permitam o acompanhamento das atividades letivas ofertadas"(nosso grifo).

segundo lugar, estávamos aprendendo a lidar com novas tecnologias e programas de edição. Tínhamos no instituto apenas um editor contratado para trabalhar todos os vídeos feitos pelos servidores da Educação Básica, além da atuação em outros departamentos, por isso, temendo que a espera fosse longa, aprendemos a trabalhar com programas de edição para iniciantes, de modo amador. Como consequência, alguns vídeos ficaram sem legenda, pois não é um recurso de fácil acesso, já que demanda muito tempo e habilidade com programas de edição. Desta maneira, necessitávamos que nossos aprendizes pudessem compreender o acontecimento em curso e pudessem acessar sobre a gravidade da situação e as medidas de proteção contra o coronavírus, veiculadas em Libras – língua, para os surdos que se identificam a ela, em que se sente, se pensa, aprende, desenvolve senso crítico. Quanto ao suporte da versão voz em Língua Portuguesa, objetivamos atender aos familiares ouvintes, bem como aos surdos usuários de implante coclear, em um propósito de possibilitar a interação entre os sujeitos da família e até uma aproximação daqueles que ainda não puderam entrar na Libras enquanto matéria linguística de formação identitária. Ao procurarmos abarcar as diferentes línguas e experiências de ser surdo no processo de produção de materiais, almejamos também contribuir com a difusão e produção de conhecimento em Língua de Sinais, compreendendo a presença da Língua Portuguesa.





Fotos 1 e 2: Professoras Vanessa Lesser e Lívia Buscácio, durante as gravações.

Para iniciar a produção de vídeos, conversávamos sobre que dificuldades o aprendiz surdo, principalmente, o que se identifica com a Libras, poderia ter para entender certos temas veiculados pelos principais meios de comunicação, uma vez que a maior parte das informações circulam em Língua Portuguesa oral ou escrita. Dessa forma, nosso foco principal era lidar com o acontecimento, infor-

mar sobre coronavírus e, consequentemente, o risco de morte. Fomos levadas pelos efeitos do acontecimento a vários objetivos com os materiais: mostrar a importância do uso de máscaras e a possibilidade de confeccioná-las em casa; a necessidade dos cuidados com a higiene da casa, do alimento e do corpo; explicar modos de significar de palavras que passaram a circular como sintomático, assintomático, grupos de risco, isolamento social, etiqueta respiratória dentre outras; diferenciar o certo e o errado sobre essa enfermidade, esclarecendo melhor os cuidados que se deve tomar durante a pandemia para evitar a contaminação por coronavírus; e distinguir as fake news sobre supostos tratamentos, medicamentos milagrosos e ações que poderiam prevenir e combater essa doença. Nossas fontes de pesquisa eram veículos de instituições com base em saberes científicos, como os sites da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) - https://portal.fiocruz.br/coronavirus -; OMS - https://www.paho.org/pt/covid19 - e do Ministério da Saúde - https://covid.saude.gov.br/ - ou consultoria junto à Divisão médico-odontológica (DIMO) do INES.

No momento de criação dos vídeos, houve uma preocupação com a construção imagética dos materiais, considerando a importância da visualidade na experiência de ser surdo e, aliado a isso, a constatação de muitos de nossos estudantes, além da Língua Portuguesa escrita, encontrarem-se em processo de aprendizagem da Língua de Sinais. Portanto, as docentes tiveram o cuidado de escolher formas de representação de objetos e efeitos de sentidos que correspondessem à faixa etária dos nossos alunos, em sua maioria, jovens e adultos. Por exemplo, ao dizer que o desinfetante é importante para a limpeza da casa, procurou-se selecionar a imagem de uma embalagem mais comumente utilizada para este produto. Buscou-se também avaliar o contraste entre as cores de fundo e dos objetos, bem como o tamanho e disposição em relação às apresentadoras dos vídeos, de forma que não ficasse excessivo ou houvesse sobreposição dos elementos na tela.

Além da pesquisa por imagens, foi realizada, a cada vídeo, uma busca linguística: é preciso averiguar a presença de sinais distintos para um mesmo efeito de significado, os quais comparecem de forma institucionalizada ou não institucionalizada. Isto pode ser verificado no Youtube, por exemplo, em canais institucionais como o *Manuário Acadêmico do INES*, o glossário sobre o coronavírus desenvolvido pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e canais pessoais como o *Carlos Cristian Libras, Tatils Libras, Léo Viturinno, Jonathas Medeiros, dentre outros*. Por outro lado, foi preciso analisar (e comparar) como circula uma rede lexical, em outros efeitos de significação, em Língua Portuguesa escrita, motivada pelo acontecimento da pandemia.

Passada essa fase, pensamos também que era importante dar dicas culturais aos aprendizes para que eles pudessem aproveitar o tempo em casa para cuidar da mente e ter acesso a programas, séries, filmes, exposições com temáticas variadas e interessantes para a idade. Neste caminho, foi produzida uma série de Receitas em Libras, já que cozinhar também pode ser considerado um modo de cuidado com o corpo e com o psíquico.



Foto 3: Um dos vários encontros on-line que realizamos para a produção dos vídeos e escrita deste artigo.

No momento, para este artigo, vamos destacar alguns vídeos produzidos pelas professoras autoras para a fase inicial do site[12]. No começo do isolamento, motivadas pela conversa sobre como os surdos poderiam atribuir sentidos ao que circula sobre a pandemia e, em específico, sobre os modos de autoproteção, as professoras Lívia Buscácio e Vanessa Lesser produziram em parceria alguns vídeos como: *A importância do uso das máscaras em tempos de coronavírus; Cuidados com a limpeza após a ida ao mercado; Como limpar a casa para me proteger?*. As professoras pesquisaram em sites institucionais da área da saúde, discutiram e planejaram a escrita do roteiro com a seleção de imagens e fizeram diversos testes de gravação, já a pré-edição foi realizada por Vanessa Lesser com o programa *Movavi* pelo computador ou *Movie Maker* pelo celular. Os vídeos foram apresentados em Libras e as professoras tiveram suporte da equipe de intérpretes do DEBASI e do editor do estúdio do INES para a legenda e versão voz em Língua portuguesa. Em seguida, desenvolveram vídeos e materiais em pdf sobre a testagem das máscaras e da confecção de máscaras caseiras, inclusive, com visor transparente, em parceria com Luciana Noschese, do Instituto Escuta de São Paulo. Buscamos formas práticas, viáveis e de fácil acesso para explicar como poderia ser feita uma máscara artesanal, utilizando material testado e recomendado (verificamos a eficácia dos tipos dos tecidos com base em indicações de órgãos da saúde). Além de pesquisar referências em sites institucionais, citadas ao término de cada vídeo, as professoras solicitaram uma avaliação da Divisão Médico-Odontológica (DIMO), de forma a evitar a veiculação de conteúdos ineficazes e insalubres. Cabe dizer que, infelizmente, circulavam na internet vídeos outros, em Libras, ensinando a confeccionar máscaras com materiais inadequados, como o tecido para uso em pias de cozinha, vídeos inclusive de cunho institucional.

Um dos primeiros vídeos feitos pelas professoras Verônica Louro e Vanessa Lesser foi o *Sintomático X Assintomático*

12 - A lista com os links para todos os vídeos consta no Apêndice.

e grupos de risco. O objetivo era explicar aos aprendizes a diferença entre os vocábulos "sintomático" e "assintomático" que sempre apareciam na mídia, além de mostrar o que era o grupo de risco e por que as pessoas desse grupo eram facilmente contaminadas. Para esse vídeo, as professoras entraram em acordo, primeiro, em relação ao roteiro, de modo que Vanessa seria a pessoa a fazer as perguntas, porque os aprendizes se identificariam mais com a professora surda, enquanto Verônica respondia com as explicações. Um problema inicial, por falta de experiência, foi que Verônica usou a câmera do celular para filmar na posição vertical, porém não é o mais indicado, uma vez que dificulta a sinalização em Libras, podendo cortar alguns sinais. Já Vanessa, assim como Bárbara, compraram um *Chroma Key* para facilitar a produção de vídeos. Em relação às línguas e recursos, o vídeo foi feito em Libras com áudio e legenda em Língua Portuguesa e contou com a colaboração do editor do Estúdio Flausino Gama, do INES, e com a tradução e interpretação da equipe de intérpretes do instituto.





Fotos 4 e 5: Professoras Bárbara Camilla e Verônica Louro, no processo de gravação.

No segundo vídeo, elaborado em conjunto, as professoras Vanessa Lesser, Verônica Louro e Bárbara Camilla conversaram sobre o roteiro e selecionaram alguns cuidados essenciais, divulgados pelo já citado site do Ministério da Saúde, à época, embasado pelas recomendações da OMS. A ideia seria a de que a professora Verônica Louro, de Língua Portuguesa, faria a introdução do tema, com uma curta explicação sobre os termos "distanciamento social", "higiene das mãos" e "etiqueta respiratória", enquanto as demais se tornaram duas personagens quase cômicas: a que não segue os protocolos de segurança contra o coronavírus (como pegar objetos emprestados, sair sem máscara) e a amiga desesperada que explica como se age corretamente, evitando assim a contaminação. Particularmente, desse modo, os aprendizes tendem a aprender mais, porque o assunto foi tratado de forma lúdica, por meio do recurso da teatralização das professoras de Libras, prática bem característica de uma

pedagogia para surdos, conforme as pesquisas de Mourão (2018). Além da legenda, foi usado o recurso de destaque de palavras importantes como as mencionadas no início do vídeo. Ressalta-se que o vídeo já foi gravado na posição horizontal. Vanessa e Bárbara pré-editaram o vídeo com os programas *Movie Maker* e *Movavi*, respectivamente. Cabe lembrar que os vídeos contaram com o logotipo patenteado do INES, além do uso de créditos ao final.

Por fim, as professoras Lívia Buscácio e Verônica Louro debateram sobre como seria importante mostrar ao aprendiz possibilidades de aproveitamento do tempo ocioso com assuntos distintos da pandemia, buscando enriquecer sua bagagem cultural e ampliar seu conhecimento de mundo, por meio de dicas culturais usufruídas pela internet. Dessa forma, as duas agiram em parceria: selecionavam eventos culturais, poemas, museus com exposições on-line, filmes e séries sobre diversos temas. Como Lívia estava envolvida com a produção de outros vídeos e materiais sobre o coronavírus, Verônica produziu diversos vídeos com dicas culturais. Esta parte foi nomeada *Trilha de Cultura* no site; já no canal do Youtube do Debasi, a *playlist* intitulou-se *Cultura, Arte e Resistência*.

Como o editor e a equipe de tradutores e intérpretes estava sobrecarregada com o volume de vídeos e reuniões, tornando o envio e o retorno do material muito demorado — levando, em média, de uma a duas semanas — para esta seção do site e vídeos sobre o Enem, a professora Verônica teve a iniciativa de aprender a editar os vídeos e colocar áudio em Língua Portuguesa. Para isso, comprou o programa "*Movavi*", por indicação de um amigo, mas, dadas as complexidades pela inexperiência no assunto, desistiu de usá-lo e baixou um programa que já tinha usado uma vez, o *Movie Maker 10 – Free* da *Microsoft*. Com este último, aprendeu a editar os vídeos e inseriu a versão voz gravada pela professora, depois de fazer a tradução dos vídeos com pesquisa de sinais e consultoria a professores de Libras e intérpretes[13]. Sabendo da importância de colocar legenda nos vídeos, no sentido de estimular o aprendizado de Língua Portuguesa escrita, tentou aprender a usar esse recurso no vídeo. No entanto, sentiu muita dificuldade e levava muito tempo para sincronizar o quadro com o áudio e legenda e, como havia o anseio de que a informação chegasse logo ao aprendiz, encaminhou os vídeos para a divulgação da Trilha de Cultura sem legenda. Para compensar essa falta, ao lado de cada vídeo, havia uma pequena resenha em Língua Portuguesa escrita sobre a dica de entretenimento.

Em via semelhante, Lívia Buscácio e Lúcia Vignoli desenvolveram o projeto Escritas da Arte – Cadernos cartoneros, com a parceria dos docentes do Núcleo de Artes do instituto e do professor Tiago Ribeiro,

13 - Agradecemos a disponibilidade da intérprete Aline L'Astorina para vários trabalhos desenvolvidos pelas autoras.

com o propósito de estimular a prática de escrita de si com a confecção de cadernos, em uma forma dos aprendizes poderem simbolizar, através de linguagens enlaçadas, sobre a pandemia e sobre si mesmos, enquanto sujeitos surdos perante o real.

Sendo assim, produzir vídeos direcionados aos aprendizes foi um desafio, já que a maioria dos professores não tinha essa experiência diante das câmeras, tampouco da edição de vídeos. Ademais, uma angústia gerada por não saber se o aprendiz acessaria ou não o conteúdo e a falta de possibilidade de interação levaram a uma série de dificuldades e inseguranças. Como saber se todo o esforço para produzir os materiais não seria em vão? Foi preciso nos lembrar de nosso lugar de professoras em uma educação menor – resistência ao apagamento das diferenças e singularidades – aposta nas multiplicidades, no fazer diferenças... aposta em olhares e sentidos atentos para o que já está lá, no cotidiano, nas diferentes, inúmeras e singulares maneiras de praticá-lo, vivê-lo, inventá-lo e de criá-lo (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018, p.31)

3. GARRAFAS AO MAR

Sem as condições para a troca e a conversa com o aprendiz, imprescindíveis para a prática docente, extraídas pelo acontecimento da pandemia e agravadas pela ausência de assistência estudantil e de inclusão digital, nos coube, de nosso lugar de professoras, agir de acordo com o que pudemos alcançar. Todo esse processo de produção de materiais foi feito com base em uma conversa que foi impossibilitada, barrada pelo real — a pandemia, e as condições de produção marcada por inúmeros obstáculos, sobretudo, institucionais e governamentais — a que nós e nossos aprendizes estamos sujeitos. Ainda assim, o gesto de leitura que produzimos sobre o acontecimento, com os materiais de nossa autoria, é movido pela aposta em uma educação outra, que busca formas de resistência perante o adverso, já que, conforme Pêcheux (2009, p.281), "não há dominação sem resistência". Gesto de ensinanças e aprendizagens sobre o real que inventa um outro, por isso lançamos nossas garrafas ao mar virtual. Como ensina o poeta Arnaldo Antunes (2020), o "real resiste".

REFERÊNCIAS

AQUINO, José Edicarlos de. **Para além da figura da mãe: reflexões sobre a noção de língua materna. Língua e Instrumentos Linguísticos**, v. 1, p. 125-153, 2016.

BAALBAKI, A. C. F.; TEIXEIRA, V. G. **Pelo desejo da língua: Uma entrevista com o Professor Luis Ernesto Behares. Interagir (UERJ)**, v. 1, p. 191-211, 2017.

BRASIL. Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/

Lei/L1314 .htm . Acesso em: 20 set. 2020.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: **Artes de fazer**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GUILHAUMOU, Jacques. **Linguística e história. Percursos analíticos de acontecimentos discursos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

HENRY, Paul. A história existe? In: ORLANDI, Eni (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2010. p.31-56.

MOURÃO, Cláudio Henrique. **Literatura surda: experiência das mãos literárias**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2018.

ORLANDI, Eni (org.). **A leitura e os leitores**. Campinas: Pontes, 2003

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso, princípios e procedimentos**. 8.ed. Campinas: Pontes, 2009. [1999 – 1ª ed.]

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**. 3.ed. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Campinas: Pontes, 2008 [1988].

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso; uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009. [1988– 1ª Ed.].

PEREIRA CASTRO, Maria Fausta. **Sobre o (im)possível esquecimento da língua materna**. **Maria Francisca Lier-de-Vitto (org.) Sobre a Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem.** 1. ed. São Paulo – SP: EDUC / FAPESP, 2006. v. 1, p. 135-148.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches. Conversa como metodologia de pesquisa - uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa – por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 21-40

RODRIGUES, Verônica de Oliveira Louro. **A inclusão é uma confusão: Surdos na travessia entre-língua e práticas escolares**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF): Niterói, 2017.

SKLIAR, C. B. A pergunta pelo outro da língua; a pergunta pelo mesmo da língua. In: LODI, Ana Claudia Bailiero; HARRISON, Kathryn Marie Pacheco; CAMPOS, Sandra Regina Leite de; TESKE, Ottmar (org.). **Letramento & Minorias**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002. v. 1, p. 5-12.

Apêndice

O presente apêndice é formado pelo inventário de materiais produzidos pelas professoras, publicados no site e no canal do youtube do DEBASI até a data de 30 de agosto de 2020. O inventário está organizado conforme os nomes das autoras, no lugar de apresentadoras dos vídeos, muitos em parceria com outros professores. As autoras participaram também da pesquisa e da produção de outros vídeos, além dos que apresentam, como está discriminado abaixo[14].

14 - Os vídeos produzidos pelas equipes disciplinares com a participação das autoras não constam na lista.

Canais de divulgação:

Site: www.ines.gov.br/debasi

Canal do DEBASI no Youtube : https://www.youtube.com/channel/UCUcf1gG-ph6k_rbTMZBN60A

Inventário de materiais

Lívia Buscácio:

Máscaras com transparência para acessibilidade (parceria com Luciana Noschese do Instituto Escuta – SP: vídeo e material em pdf) - https://youtu.be/P-CR_TnmJTI

Em parceria com outros professores:

Como fazer máscaras de pano (com Vanessa Lesser) - https://youtu.be/ebklK8vWC5w

Dia do orgulho LGBT+ (com Tiago Ribeiro) - https://youtu.be/k6Qy1KAWEFE

Cadernos Cartoneros – Convite (todos dessa série feitos com Lúcia Vignoli) - https://youtu.be/7t17J5hRgzc

Cadernos Cartoneros – Costurando os cadernos - https://youtu.be/Mb4Y46BZjuI

Cadernos Cartoneros – "Amanhã vai ser outro dia" - https://youtu.be/uoq8haUhtvw

Cadernos Cartoneros – Nervos de aço - https://youtu.be/B6wLOfxosWI

Viajar de casa na pandemia (com Verônica Louro) - https://youtu.be/00VkDPyEaKQ

Vanessa Lesser:

A importância do uso da máscara em tempos de coronavírus - https://youtu.be/gdCL-b0tCWE

Qualquer máscara é boa? Teste do aerossol - https://youtu.be/hqBxn7mZmMI

Poesias:

Poesia minha língua natural - https://youtu.be/lmf41dd4Stc

Homenagear minha língua LIBRAS - https://youtu.be/eMy8qokEM08

Poesia Farol e o barco - https://youtu.be/gwVcK05bPz8

Poesia Borboleta - https://youtu.be/TjYzP8bPTqM

Piada sonhos pandemia - https://youtu.be/I6qK9nmvInw

Receitas em Libras:

Abacaxi gelado - https://youtu.be/jxAmVaSq18o

Banana com coco - https://youtu.be/24bu_BPFAi4

Caldo Verde - https://youtu.be/oeae6hjcBVw

Mousse de abacate (ou creme de abacate) - https://youtu.be/BUdNYAb7-Aw

Mousse de cupuaçu - https://youtu.be/GCmo_i8U3Fg

Mousse de morango - https://youtu.be/fRJOpQJGDho

Pizza caseira - https://youtu.be/K6IYvA4Jg8s

Sopa de espinafre - https://youtu.be/3FjW6o_oXhw

Torta salgada ou cachorro quente de forno - https://youtu.be/toHZsMa6CMY

Em parceria com outros professores:

Dúvida sobre SUS (com Luciana Andréia) - https://youtu.be/iHlvuoWZxyU

Dúvidas sobre aglomeração (com Carolina Morgado) - https://youtu.be/VWj7hx1h3gQ

Assintomático X Sintomático / Grupos de risco (com Verônica Louro):
https://youtu.be/KAfmAqZZRGo

O que é certo e errado sobre o Coronavírus (Com Bárbara Camilla e Verônica Louro) -
https://youtu.be/rF3RO9Hy4l0

Como limpar a casa para me proteger? (com Lívia Buscácio) - https://youtu.be/-z7Tik9LfuQ

Cuidados com a limpeza após a ida ao mercado (com Lívia Buscácio) -
https://youtu.be/b3vh8ALNGYI

A importância do uso das máscaras em tempos de Coronavírus (com Lívia Buscácio) -
https://youtu.be/gdCL-b0tCWE

Verônica Louro

Organização e materiais educativos -

Receitas em Libras (versão em Língua Portuguesa e materiais em pdf) -
https://sites.google.com/view/ines-debasi/receitas-em-libras?authuser=0#h.6w6cpay3hur5

Trilha de Cultura - https://sites.google.com/view/ines-debasi/trilhas-de-cultura?authuser=0

Oficina de Redação (diversos materiais em parceria com a professora Christiana Leal) -
https://sites.google.com/view/ines-debasi/oficina-de-reda%C3%A7%C3%A3o?authuser=0#h.puh-dxybkp6e1

Enem 2020: materiais em pdf sobre inscrição na prova e questionário socioeconômico.

Vídeos:

Crisálida – Nova série sobre surdos no Netflix - https://youtu.be/REu6wvacGyE

Série do Netflix: "Coisa mais linda" e empoderamento feminino - https://youtu.be/qkNRLAuzumA

18 filmes sobre surdos - https://youtu.be/zW29gXv7N3E

Museus virtuais do mundo - https://youtu.be/QP20SteADYI

Museu de Frida Kahlo com visita virtual - https://youtu.be/CcMGwa7V9OY

Exposição do Egito Antigo com visita virtual - https://youtu.be/kckPGdzPs_Q

Museus estranhos e maravilhosos - https://youtu.be/kiTROYm2_0g

Museus de Paris liberam 14 mil obras para downoad - https://youtu.be/SQ4us4abgLU

Diversilibras - https://youtu.be/sglHyXt5-HI

O Grande encontro de todos nós: Festa Julina do INES - https://youtu.be/gJu6C9MV4UY

Sentimentos e emoções pelas redes sociais (e material em pdf) - https://youtu.be/k7F1lOuTKsQ

Enem 2020: novo dia de prova - https://youtu.be/k5uIslU15QI

Enem 2020: 10 dúvidas sobre o ENEM - https://youtu.be/2Ys2XyjavIQ

Enem 2020: quem tem direito à isenção de taxa - https://youtu.be/_qhL27iz6Q4

Enem 2020: Enem impresso ou digital? Qual é a diferença? https://youtu.be/c5xcR7qphOQ

Enem 2020: Inep adia a prova - https://youtu.be/2-rToybUjAQ

Enem 2020: inscrição até dia 27/05 - https://youtu.be/zB8ZdROnnT0

Enem 2020: Dúvida sobre isenção de taxa - https://youtu.be/iPsRRVjSTII

A EXPERIÊNCIA DE PROFESSORES NA CRIAÇÃO DE VÍDEOS EDUCACIONAIS PARA SURDOS DURANTE A PANDEMIA

TEACHERS' EXPERIENCE IN EDUCATIONAL VIDEOS´ REMAKING FOR THE DEAF IN THE PANDEMIC

LUCIANA MORATELLI PINHO
ANA LUÍSA ANTUNES
CAMILA FORTES

RESUMO

Neste artigo trataremos sobre a produção de material didático acessível para alunos surdos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A questão da acessibilidade digital no cenário pandêmico nos demandou uma urgente conectividade em função de uma adaptação para o funcionamento do fluxo de escolarização. Tratamos especificamente de um grupo linguisticamente minoritário, os surdos, e os desafios e as dificuldades que nós, enquanto professores, tivemos ao precisar pensar sobre como proporcionar um processo educativo de qualidade aos alunos à distância. Sensibilizamos nossos interlocutores aos desafios e adaptações necessárias ao nosso público-alvo que, além de especificidades linguísticas, também convive com barreiras estruturais devido às desigualdades sociais do nosso país. Sendo assim, discutimos a questão da acessibilidade tecnológica para crianças surdas dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola especializada e nosso caminhar em tempos de pandemia na produção de vídeos para disponibilizar aos nossos alunos. Tal cenário nos mostra que, embora a tecnologia possa ser nossa aliada no processo educativo, é necessário percorrermos um processo de aprendizagem/refinamento no uso das ferramentas e sobre a acessibilidade para tentarmos dirimir as desigualdades e disparidades de acesso à informação e educação latente nestes novos tempos.

Palavras-chave: Educação de surdos. Pandemia. Produção de vídeos. Libras. Ensino fundamental.

ABSTRACT

In this article we'll deal with the production of accessible teaching material for deaf students in the firsts years of elementary school. The issue of digital accessibility in the pandemic' context demanded and fast connectivity for adaptation of the schooling teaching flow. We working with a linguistically minority group, the deaf, and we have several challenges about the difficulties and about how to provide a quality educational process students a distance. We approach our interlocutors for the challenges and adaptations necessary to our deaf students, which in addition to linguistic specificities also lift barriers's discriminatory emerging the social inequalities in our country. Thus, we discussed the issue of technological accessibility for deaf children in the first years of elementary school at a deafspecialized school and our work in the creations of videos to offer to our students. This context shows us that, although technology may be our ally in the educational process, it is necessary to go through a process for learning the use of tools and about accessibility to try to solve the inequalities and disparities in access to information and education.

Palavras clave: Education for the deaf. Pandemic. Video production. Sing Linguage. Elementary School.

LUCIANA MORATELLI PINHO
É mestranda em Educação e Tecnologia pela UNICARIOCA, professora da Educação Básica e Orientadora Pedagógica dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Instituto Nacional de Educação de Surdos.
E-mail:lulumoratelli@gmail.com

ANA LUÍSA ANTUNES
É doutora em Educação pela PUC-Rio, professora da Educação Básica e vice-coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Nacional de Educação de Surdos. E-mail: ana.antunes2010@gmail.com

CAMILA FORTES
É mestre em Diversidade e Inclusão pela UFF, professora da Educação Básica do Instituto Nacional de Educação de Surdos. E-mail: camilabcfortes@gmail.com

INTRODUÇÃO

A educação de surdos no Brasil foi alvo de diversos paradigmas, especialmente no que concerne às concepções educacionais, tendo passado por práticas de normalização - com o padrão oralista - e de comunicação total até alcançarmos uma perspectiva de ensino bilíngue que caminha em direção ao reconhecimento da alteridade e da validação dos direitos linguísticos e culturais dos surdos (CAPOVILLA, 2000; OLIVEIRA; FIGUEIREDO, 2017).

Apresentamos aqui as experiências de produção de vídeos para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola especializada na educação de surdos. Em nossa instituição trabalhamos dentro de uma perspectiva bilíngue de escolarização na qual a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é utilizada como língua de instrução para o ensino e a comunicação e a Língua Portuguesa é utilizada como segunda língua na modalidade escrita.

Tratamos em nosso artigo de estratégias para uma aproximação educacional em tempos de pandemia através da produção de vídeos. Nossa ideia inicial foi acolher e apresentar o cenário da pandemia de COVID-19, sem deixar de atender às especificidades linguísticas do nosso alunado.

Falamos em aproximação educacional, ao invés de ensino remoto ou continuidade às atividades do processo de escolarização, pois lidamos com especificidades linguísticas e até sociais, que no cenário atual não convergem com possibilidades de uma educação a distância (EaD) para nosso alunado, considerando as características de tal modalidade de ensino (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020).

1.ENSINO DE PERSPECTIVA BILÍNGUE NA PANDEMIA

Neste texto não há nenhuma pretensão sobre a assertividade dos procedimentos como sendo mais ou menos adequados. Nossa intenção é sensibilizar o leitor às diferenças e necessidades de atenção a elas e compartilhar as vivências e as inquietudes da docência e do pensar a educação intercultural crítica em tempos de pandemia.

Em uma educação bilíngue, a opção é pelo empoderamento da comunidade surda e uma instrução utilizando a Libras e os conhecimentos advindos da cultura de percepção visual dos surdos, trabalhando dentro do paradigma do bilinguismo. Convergimos com uma visão interculturalista crítica que defende a criação de novas relações entre os sujeitos a partir do diálogo e propõe o empoderamento daqueles que são historicamente inferiorizados (WALSH, 2009).

> A educação intercultural na ótica dos direitos humanos não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais. Trata-se

> de um enfoque global que deve afetar todos os atores e a todas as dimensões do processo educativo, assim como os diferentes âmbitos em que ele se desenvolve. No que diz respeito à escola, afeta a seleção curricular, a organização escolar, as linguagens, as práticas didáticas, as atividades extraclasse, o papel do/a professor/a, a relação com a comunidade, etc. Outro elemento de especial importância se refere a favorecer processos de "empoderamento", principalmente orientados aos atores sociais que historicamente tiveram menos poder na sociedade, ou seja, menores possibilidades de influir nas decisões e nos processos coletivos. (CANDAU, 2011 p.29)

A educação de surdos na perspectiva intercultural crítica é entendida como um direito à diferença onde o reconhecimento do Outro e o diálogo entre os diferentes atores e suas culturas são parte do processo de (re)significação.

Nossos alunos lidam com barreiras linguísticas. Muitas famílias, em sua maioria ouvintes, não se comunicam em Libras fazendo com que estes sujeitos não tenham acesso à língua estruturada e a uma comunicação realmente efetiva. Em nossa escola, as interações comunicativas aconteciam em Língua de Sinais, sendo o professor o facilitador da aprendizagem e processo interacional e dinâmico.

Desde 16 de março de 2020, o Brasil, sob orientação da OMS (Organização Mundial da Saúde), colocou as pessoas em isolamento social, dentre outras medidas preventivas, para evitar a propagação da COVID-19, uma doença respiratória aguda causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2) que afetou mais de 188 países e territórios[1].

Segundo dados da Fundação Carlos Chagas[2], no Brasil, 81,9% dos alunos (cerca de 39 milhões de pessoas) da Educação Básica deixaram de frequentar as instituições de ensino. Neste cenário problematizou-se como garantir neste período de pandemia que os estudantes não fossem prejudicados em seu processo de escolarização e tivessem acirradas as desigualdades de acesso e de oportunidades educacionais.

Toda a sociedade se viu, de forma repentina, diante da necessidade de usar recursos digitais para comunicar-se e realizar as atividades laborais e educacionais à distância. A necessidade de estar conectado, e fazer o que antes era presencial de maneira virtual, é algo que ainda se ajusta ao cotidiano de muitas pessoas que não possuem preparo e/ou condições adequadas de conectividade para tais.

Desde março, a suspensão do ensino presencial nas escolas por tempo indeterminado para controlar a propagação da COVID-19, deixou sem aulas milhões de crianças e jovens e é impossível ignorarmos os impactos disto.

Diante da necessidade de agir na urgência e decidir na incerteza, os professores se mobilizaram para proporcionar

1 - Para saber mais sobre a pandemia de COVID-19 acesse: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19. Acesso em: 4/08/2020.

2 - Para saber mais, acesse o relatório da pesquisa "Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica" em: https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1. Acesso em: 18 ago. 2020.

conteúdo sobre o cenário de "paralisação" para os alunos surdos. Inicialmente, nossa escola não apresentou propostas para a iniciação de um ensino remoto em função da precariedade de recursos tecnológicos para tal, assim como os impactos referentes à comunicação e estratégias didático-pedagógicas.

Neste período, a recomendação da OMS era que todos permanecessem em casa e que se deslocassem apenas por necessidades essenciais, como questões alimentícias e de saúde. De forma concomitante, começou a ser veiculado através das redes de comunicação, protocolos da OMS que evidenciavam a necessidade de potencializar hábitos de higiene e cuidados no manuseio de alimentos e/ou produtos, com objetivo de evitar contaminação e disseminação do vírus.

Inicialmente, foi discutido na equipe de professores do Serviço de Ensino Fundamental (SEF1) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) como poderíamos situar temporalmente os últimos acontecimentos referentes ao surgimento do novo coronavírus, assim como causar uma identificação de uma situação vivenciada por todos e as ações iniciais que estavam sendo tomadas pelos docentes para que as pessoas estivessem em segurança.

Com base neste cenário inicial, o grupo de professores surdos e ouvintes do SEF-1 se reunia semanalmente e, para atender os diferentes níveis linguísticos, foi decidido que seriam elaborados vídeos de curta duração em Libras para os níveis: básico, intermediário e avançado.

Buscamos promover a aprendizagem em um contexto remoto dentro da realidade social e linguística do aluno surdo. Entendemos que uma proposta bilíngue com recursos tecnológicos visuais aproxima a realidade do aluno surdo estimulando sua leitura de mundo, criatividade e manutenção do contato com a Libras. Ainda destacamos que integrado a um tema de relevância social que está sendo vivenciado pela criança, tais potencialidades informacionais e dialógicas se tornam ainda mais latentes para o aprendizado e significação pela criança surda em sua língua, a Língua de Sinais.

2. A ELABORAÇÃO DE VÍDEOS NO CONTEXTO DA PANDEMIA

A seguir apresentaremos o processo de elaboração dos vídeos com estruturas inter-relacionadas procurando a integração de conteúdos no aprendizado dos alunos com o tema de relevância social.

Inicialmente, procuramos elaborar alguns vídeos associando os conteúdos disciplinares com o atual contexto social, buscando proporcionar uma aprendizagem significante por meio da experiência visual.

Portanto, foram produzidos vídeos com orientações de como manter-se em segurança ficando em casa e medidas que deveriam ser adotadas para

não contaminação pelo vírus. Priorizamos uma abordagem lúdica com atividades práticas e que os alunos pudessem realizar em casa, tais como aprender a confeccionar máscaras de proteção, histórias e narrativas explicativas sobre a pandemia e surgimento do vírus, quiz em Libras com elucidações sobre a COVID-19 e sugestões de brincadeiras envolvendo a família para estimular a acolhida e interação no seio familiar.

O distanciamento social se tornou uma realidade, o ensino remoto a nova realidade educacional, e a assistência familiar ao aluno tornou-se de grande importância para que a criança tivesse acesso aos conteúdos escolares em sua primeira língua, a Libras, e a continuidade na construção do processo de ensino e aprendizagem.

Por se tratar de uma plataforma de fácil acesso para as famílias dos alunos, hospedamos os vídeos no canal do Youtube do DEBASI/INES (Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCUcf1gG-ph6k_rbTMZBN60Al).



Figura 1- Vídeo sobre produção de máscara e seu uso.



Figura 2-Quiz bilíngue referente às avaliações de risco da COVID-19.

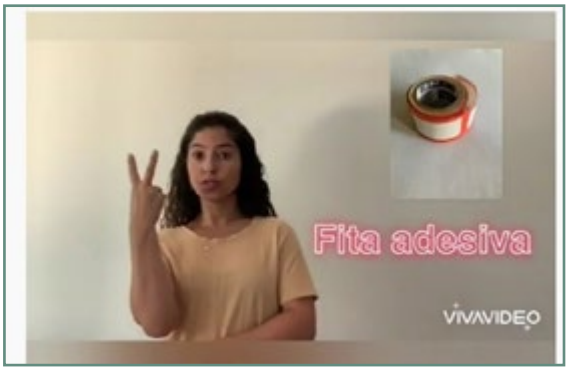


Figura 3- Vídeo com sugestão de brincadeira visando contexto familiar.



Figura 4- Vídeo de orientação ao respeito à quarentena e ao isolamento social.



Figura 5-Vídeo de sensibilização sobre os perigos do novo coronavírus.



Figura 6-Vídeo instrucional sobre higienização.

O modelo tradicional de educação se baseia e é centrado na transmissão de informações, modelo esse que precisa ser superado. É de extrema importância levar o aluno à reflexão, estimular os alunos a aprender a aprender, questionar e reconstruir conceitos, de forma que possam ser aplicados em seu dia a dia, ou seja, proporcionar aos discentes o desenvolvimento de competências que se manifestem em suas ações, pois, segundo Comel (2008), toda informação deve ser mediada pedagogicamente para que possa ser aproveitada em sua totalidade.

A elaboração dos materiais utilizados no ensino, no qual professores e alunos se encontram separados geograficamente, devem ser diferentes dos utilizados na educação presencial. O professor tem um importante papel de mediador, como nos alerta Libâneo (2011 p.93), na tarefa de transformar o conhecimento em processos mentais que tenham significado para o aluno, pois aprender "não é algo espontâneo e natural, mas sim algo que depende da ação do professor". Nesta perspectiva, as produções consideraram o uso de uma linguagem dialógica, na tentativa de estabelecer uma interação e aproximação da realidade dos alunos envolvidos.

No processo de elaboração dos vídeos, procuramos apresentar estratégias que articulassem e favorecessem o entrelaçamento dos temas, a fim de ampliar a visão dos alunos, promovendo gradualmente o aprofundamento dos conceitos abordados.

Para o desenvolvimento e aquisição natural da Libras, entendemos ser necessária a construção de um ambiente linguístico bilíngue dentro e fora da escola que possibilite à criança surda significar e ressignificar, se inserindo na cultura, beneficiando-se dos conhecimentos e informações que a todo momento chegam até ela.

Neste sentido, o material produzido em seus diferentes níveis também foi pensado de forma a proporcionar à família do aluno o acesso/contato com a Libras, estimulando a comunicação com o aluno surdo por meio de associações ao tema de relevância social.

Para uma comunicação efetiva e aprendizagem significativa dos alunos, nos preocupamos com a linguagem utilizada nos vídeos, considerando que as produções precisam ser capazes de suprirem a ausência do professor, permitindo que os alunos interajam com o conhecimento.

Na elaboração dos vídeos didáticos, elencamos como fundamental:

- Identificar o perfil de nosso alunado, tendo em vista que temos um perfil bastante heterogêneo no que concerne à experiência linguística

de cada aluno de nossa escola;

- Aplicar uma linguagem dialógica com aspectos visuais que possibilitassem o concatenamento/correlação com o contexto da pandemia;
- Abordagem do tema principal e suas ramificações tendo em consideração o potencial de algumas abordagens para ampliação do repertório conceitual do aluno.

Optamos por não agrupar os professores por anos escolares para produção, mas sim por afinidades temáticas. Deste modo, criamos um repertório amplo de visão sobre o alunado em todos os níveis. Com isso, pensamos tanto nas possibilidades de uso linguístico quanto de significação em cada nível, pois sabemos que nem sempre o amplo repertório linguístico vem acompanhado de potencial compreensão discursiva, tendo em vista que lidamos com crianças e jovens em processo de letramento.

Entendemos que o letramento é extensão e conceitualmente complementar às abordagens que definem a relevância do conhecimento de mundo para o aprendiz, definido por Freire (1985), "ler o mundo" significa atribuir significado aos objetos, às coisas, aos sinais; ainda que a criança não seja alfabetizada, ela compreende as funções, realizando associações.

O fato de atuarmos com um público diverso, que geralmente apresenta distorção série/idade, nos coloca a responsabilidade em produzir materiais que atendam as necessidades não só linguísticas, mas também sociais destes alunos. O contato por vezes tardio com a Libras e a falta de experiências significativas nesta língua representam um desafio para nós professores, pois a simples exposição à Libras não garante a aprendizagem.

Segundo Pretti (2009), enquanto educadores, precisamos utilizar as tecnologias disponíveis como recurso que deve ir além de trazer informações e novos conceitos: precisam formar. Logo, tivemos o cuidado em apresentar vídeos que promovessem a interação, reflexão e o diálogo.

3.SEM CONCLUIR, MAS AGREGANDO VALOR AO TRABALHO EDUCACIONAL BILÍNGUE NA PANDEMIA

O presente relato procurou levantar provocações para uma reflexão diante dos desafios por uma escola pautada em princípios de igualdade e respeito pelo diferente, conforme afirma Candau (2011a).

Neste sentido é de suma importância identificar os diferentes percursos de vida dos alunos, implicando em tornar flexível e acessível as formas de ensinar, os objetivos e os conteúdos, ou seja, contextualizar e reformular o currículo. Zabala (1998, p.199) salienta que,

> para a concretização dessa flexibilidade, são importantes os seguintes questionamentos: quem são os meus alunos? O que sabem os alunos em relação ao que quero ensinar? Quais experiências tiveram? O que são capazes de aprender? Quais

são os seus interesses? Quais são os seus estilos de aprendizagem?

Tais indagações, dentro de uma perspectiva intercultural crítica de respeito e empoderamento, são fundamentais para saber o que ensinar e promover conhecimentos com relevância social para o aluno.

Sobre o uso de recursos tecnológicos, conforme pontuado por Silva (2011), a tecnologia visa à ampliação do conhecimento, portanto, não basta utilizá-la bem, é necessário recriá-la, assumir a produção e a condução tecnológica, de modo a refletir sobre as ações pertinentes ao processo educativo. Nós entendemos que a produção de vídeos facilitou a manutenção do contato do aluno com a Libras, contextualizando com um tema de relevância social, pois, como afirma Perez Gomes (2011, p.93), "Um futuro incerto requer o desenvolvimento de uma mente flexível bem equipada, com capacidade de adaptação, iniciativa e tolerância para com a incerteza". Deste modo, seguimos com engajamento, união com nosso coletivo de professores e constante autoavaliação, para que possamos melhorar a produção dos materiais e a interação com os alunos.

REFERÊNCIAS

CANDAU, V. M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v. 11, n. 2, p. 240-255, 2011a.

CANDAU, V. M. Educação em direitos humanos e diferenças culturais: questões e buscas. In: CANDAU, V. M. (org.) **Diferenças culturais e educação: construindo caminhos**. Rio de Janeiro: & Letras, 2011.

COMEL, N. E. D. O material impresso em questão. **Olhar do Professor**, Ponta Grossa, v. 4, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** Col. Polêmicas do Nosso Tempo, Editora Cortez, São Paulo, 1985.

LIBÂNEO, J. C. Escola pública brasileira, um sonho frustrado: falharam as escolas ou as políticas públicas educacionais? In: LIBÂNEO, J. C.; SUANNO, M. V. R. (org.). **Didática e escola em uma sociedade complexa**. Goiânia: CEPED, 2011.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. Competências ou pensamento prático? A construção dos significados de representação e de ação. In: SACRISTÁN, J. G. (org.) **Educar por competências: o que há de novo?** Porto Alegre: Artmed, 2011.

PRETTI, O. **Educação a distância: fundamentos e políticas**. Cuiabá: EdUFMT, 2009.

SILVA JUNIOR, E. W. R. **Metodologias inovadoras para a educação básica:** um olhar sobre o uso da tecnologia em sala de aula. 79f. Departamento de Pós-Graduação em Ensino, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – IFMT associado à Universidade de Cuiabá – UNIC, 2019.

WALSH, C. Interculturalidade, crítica e pedagogia decolonial:in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. (org.) **Educação intercultural na América Latina:** entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

ZABALA, A. A Avaliação. In: ZABALA, A. A **Prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

ENSINO REMOTO E OS DESAFIOS DA PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE SURDOS

RACHEL CAPUCHO COLACIQUE
PATRÍCIA DA COSTA MENEZES

ABSTRACT

This article aims to present initiatives developed during the period of emergency remote education in the Basic Education Sector - First Segment - of the College of Application of the National Institute of Deaf Education (SEF 1 / CAP / INES), facing the challenge of producing of printed courseware for students in elementary school. We show some of the challenges faced and the methodological approaches used by the team of teachers for the production of printed courseware, with the aim of contemplating the specificities requirements of our deaf students, as linguistic limitations. Searching to arrange the principles the bilingual education practices for the deaf, and consonance with the parameters that guide the studies of visuality and deaf pedagogy (STROBEL, 2006, 2013; PERLIN, 2003, 2008; SKLIAR, 1997), this text presents the authors' experience report, resulting in suggestions of the courseware.

Palavras clave: Bilingual Education. Deafness. Courseware Production. Remote Education.

RESUMO

Esse artigo tem por objetivo apresentar as iniciativas desenvolvidas, durante o período emergencial de ensino remoto, no Setor de Ensino Fundamental – Primeiro Segmento – do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (SEF 1/ CAP/INES), diante do desafio da produção de materiais impressos para os alunos das séries iniciais. São apontados alguns dos desafios enfrentados e as abordagens metodológicas utilizadas pela equipe de professores para a produção de materiais didáticos impressos, que buscassem contemplar as especificidades dos indivíduos surdos e as limitações linguísticas dos estudantes atendidos. Buscando conciliar os princípios que norteiam as práticas de educação bilíngue para surdos, e em consonância com os parâmetros que norteiam os estudos da visualidade e da pedagogia surda (STROBEL, 2006, 2013; PERLIN, 2003, 2008; SKLIAR, 1997), o presente texto traz o relato de experiência das autoras, tendo como resultado algumas sugestões de atividades propostas.

Palavras-chave: Educação Bilíngue. Surdez. Materiais Didáticos. Ensino Remoto.

RACHEL CAPUCHO COLACIQUE
Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e EBTT no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).
E-mail: r.colacique@gmail.com

PATRÍCIA DA COSTA MENEZES
Doutoranda em Ciências Humanas - Educação PUC/RJ. Mestre em Educação pela UFRJ. Professora do Ensino Básico Técnico tecnológico do Instituto Nacional de Educação de Surdos.
E-mail: patriciac@Ines.gov.br

INTRODUÇÃO

Em meio ao cenário de intensas transformações tecnológicas que a sociedade e a cultura contemporânea têm proporcionado, vimos nos deparando às temáticas de inclusão digital, ensino mediado pelas tecnologias da informação e comunicação, bem como aos desafios da educação a distância. Sobretudo com as transformações das últimas décadas – com o digital em rede e a internet presente em diferentes âmbitos da nossa vida –, os professores encontram uma demanda cada vez mais crescente por mudanças em suas práticas metodológicas, visando à incorporação dos recursos digitais focados em propostas interativas e mudanças nas concepções mais tradicionais de ensino.

Apesar de todas essas demandas já estarem presentes no cotidiano docente, seja em maior ou menor intensidade, a emergência em saúde pública causada pela pandemia do Coronavírus e a necessidade de distanciamento social imposto pela Covid-19, obrigou um fechamento abrupto e imediato de todas as escolas, ao redor de todo o mundo, e nós professores nos vimos, de uma hora para outra, obrigados a adotar práticas mediadas pelos equipamentos digitais, sobretudo nos espaços on-line.

Mas como oferecer ensino remoto para estudantes ainda nas séries iniciais do Ensino Fundamental? Como garantir que os princípios educativos que norteiam nosso trabalho, principalmente no que diz respeito à prática da interação humana como fundamento da aprendizagem, sejam contemplados em atividades mediadas pelo computador? Ou, pior ainda, como oferecer isso aos nossos estudantes que nem ao menos possuem equipamentos digitais em suas casas? Estudantes sem acesso à internet, ou smartfones, cujos pais se viram afetados dura e diretamente em suas rendas para garantir a subsistência da família. Como garantir equidade de acesso ao ensino? Como pensar em propostas de ensino em meio às lutas de famílias inteiras afetadas pelo vírus e os riscos de contágio em condições precárias, dependendo do auxílio financeiro do governo para poder ter o básico da alimentação e moradia? Como?

Seria possível ignorar todas essas questões? E além destas, tantas outras, quando pensamos nas singularidades dos estudantes surdos que atendemos em nosso Instituto. Como garantir a LIBRAS nesse contexto remoto? Como envolver a família – que muitas vezes não tem um pleno domínio da Língua Brasileira de Sinais – nesse processo de ensinar em casa? Como lidar com as questões de falta de acesso tecnológico? Como lidar com dificuldades enfrentadas ainda pelos professores nesse cenário, envolvendo desafios desde o limitado relacionamento com a tecnologia, até as questões familiares e de saúde que também os afetam? São inúmeras as nossas dúvidas. Inúmeras mesmo. E temos poucas respostas.

No presente artigo, procuramos trazer algumas das propostas desenvolvidas no Setor de Ensino Fundamental – Primeiro Segmento – do Instituto Nacional de Educação de Surdos (SEF 1/INES) no período de ensino remoto emergencial. Os apontamentos aqui apresentados não têm o objetivo de balizar regras ou definir alguma ação normativa; pelo contrário, nosso objetivo único é compartilhar as experiências e dificuldades vivenciadas nesse processo, no intuito de que essas pistas nos levem a trilhar – junto com tantos outros educadores – os caminhos em busca de uma educação inclusiva, de qualidade e igualitária.

1. DESAFIOS DA ARTICULAÇÃO ENTRE OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS E O MODELO DE ENSINO EMERGENCIAL REMOTO.

Diante do cenário emergencial em que nos encontrávamos e a impossibilidade de um retorno breve às atividades escolares, após alguns meses com as atividades letivas suspensas, os gestores do Instituto decidiram dar início às ações de ensino remoto. Dentre os dilemas que se apresentaram, um dos que mais pesou na decisão pela utilização de materiais impressos foi a falta de acesso aos recursos tecnológicos digitais e à internet. Fomos então orientados a iniciar utilizando atividades impressas, enquanto se viabilizava a compra de chips com internet para serem entregues aos estudantes.

Olhando para o trabalho que estamos desenvolvendo ao longo desses últimos meses e procurando organizar aqui, em palavras, todo o turbilhão de acontecimentos vivenciados nesse período, procuramos agrupar alguns dos nossos dilemas em três temas principais: 1) o desafio docente para a elaboração de um currículo emergencial e a utilização dos recursos digitais na criação de atividades remotas; 2) o respeito às questões emocionais, de saúde e afetivas, tanto dos docentes quanto dos estudantes; e 3) o desafio de se criar atividades impressas, respeitando a garantia de acesso à informação em LIBRAS como língua de instrução, ainda mais quando muitos dos nossos alunos estão em fase inicial de aquisição da leitura/escrita em Língua Portuguesa.

Como nosso intuito aqui é aprofundar a temática elencada no que diz respeito à criação das atividades impressas, não vamos nos deter nos dois itens anteriores, mas é importante destacar que nos debruçamos também sobre eles. Tanto orientando a equipe docente no que diz respeito ao planejamento curricular, quanto na instrumentalização por meio de oficinas de atualização digital, oferecidas àqueles que não estivessem familiarizados com a utilização destes recursos, a fim de que pudessem ter também suas dúvidas atendidas. Todo o planejamento das equipes ocorreu de maneira on-line, por meio de plataformas de videoconferência, além da utilização dos grupos de

WhatsApp para viabilizar as trocas entre pares. No que diz respeito aos aspectos emocionais e afetivos, tanto dos docentes quanto dos estudantes, o grupo de trabalho no SEF 1 procurou proporcionar momentos de acolhida, mesmo nesse contexto de distanciamento social. Um dos caminhos encontrados foi a criação de vídeos em LIBRAS feitos pelos professores, no intuito de fornecer informações e estreitar os laços com a comunidade escolar.

A equipe docente, reunida por ano escolar, elencou aquilo que chamamos de "currículo emergencial", selecionando ela própria os temas e conteúdos contemplados nos materiais didáticos elaborados em dois módulos de ensino. A organização desses dois módulos previa a criação de atividades distribuídas em dois meses, quando seriam oferecidas de 4 a 6 folhas de atividades por disciplina/ano escolar por mês. Considerando as atividades disciplinares envolvidas no Primeiro Segmento do Ensino Fundamental (Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Ciências, Artes, Educação Física, LIBRAS, além das oficinas e atividades de reforço), os estudantes receberiam no mínimo 48 e no máximo de 72 folhas de atividades/mês. Em um primeiro momento, abordando atividades de revisão de conteúdos, com foco nas que valorizassem aspectos lúdicos para que os estudantes pudessem ir retomando o contato aos poucos, respeitando o momento delicado em que estávamos vivendo.

A entrega das atividades foi organizada junto ao DEBASI, de modo a evitar deslocamento desnecessário para pais e alunos. A entrega dos materiais impressos foi agendada para ocorrer de maneira conjunta com a entrega das cestas básicas para as famílias que puderam ser contempladas. E foi estabelecido um plano para a aquisição de chip com pacote de dados de internet a ser oferecido para os alunos e famílias que precisassem de acesso à internet, em uma etapa posterior de atividades remotas.

Antes de prosseguirmos, portanto, com a explanação sobre os desafios da criação de atividades impressas, queremos destacar alguns pontos que alicerçam nossa prática e não podemos deixar de considerar: a) a importância FUNDAMENTAL do acesso à Língua Brasileira de Sinais, como língua de instrução, e não apenas isso, mas também como uma vivência de imersão e interação proporcionada ao estudante surdo; b) Formação identitária, cultural, linguística e cognitiva da pessoa surda, centrada na visualidade; c) Princípios da Educação Bilíngue, sendo a LIBRAS a língua de instrução e a Língua Portuguesa escrita como segunda língua. E, embora reconheçamos a importância basal desses princípios norteadores do nosso fazer pedagógico, é preciso admitir também que, em certa medida, a oferta de atividades exclusivamente impres-

sas afeta diretamente a garantia desses princípios elencados.

2. A PRODUÇÃO DAS ATIVIDADES IMPRESSAS E A PROBLEMÁTICA DA LÍNGUA ESCRITA COMO L2

Com uma proposta pedagógica de matriz bilíngue, na qual o ensino é ministrado em Libras (L1) e a Língua Portuguesa escrita é a segunda língua (L2), conforme Lei n.º 10.436/2002, a produção de materiais impressos para surdos não pode ser pautada em viés das perspectivas etnocêntricas e monoculturais de ensino. Não é viável, por exemplo, utilizarmos livros didáticos de Língua Portuguesa para ouvintes – cuja língua materna é baseada na oralidade e caminhos fonéticos de aprendizagem e representação da língua – e aplicar no ensino para estudantes surdos, cuja Língua Portuguesa assume o papel de aprendizado de segunda língua. De modo semelhante, materiais didáticos para ensino de Ciências, Matemática ou Geografia, baseados predominantemente em textos longos e enunciados complexos, acabam criando barreiras para a compreensão dos nossos estudantes, não pelo desafio do conteúdo em si, mas pela barreira linguística que se impõe ao desafio de leitura em uma língua que ainda se está em fase de aquisição inicial.

Pensar nessa produção de material impresso implica, portanto, a criação de materiais autênticos, condizentes com métodos e estratégias que atendam às necessidades linguísticas e educacionais dos alunos surdos. Materiais condizentes com as práticas metodológicas de ensino apropriadas às especificidades do aluno surdo, dentre elas a leitura visual do mundo. E como garantir acessibilidade e autonomia nas atividades impressas construídas? Será esse o método apropriado?

Para além de garantir aulas e conteúdos com tradução em Libras, é preciso explorar a visualidade surda em seus muitos aspectos – não só do ponto de vista linguístico, mas, também, oportunizando experiências que contemplem a Cultura Surda em interação com os conteúdos escolares, para apreensão e construção de conhecimentos (COLACIQUE, 2018, p.219).

As especificidades de ensino dos aprendizes surdos são pautadas na visualidade; assim, justifica-se um trabalho de ensino remoto orientado pela perspectiva da Pedagogia Visual[1], como descreve Campello (2007), fazendo uso das experiências visuais. E, como salienta Lebedeff (2017, p.248), "A surdez existe e necessita de uma proposta pedagógica nova, pensada para suas singularidades linguísticas e culturais. Os surdos não querem adaptações, não querem ser representados como simulacros de ouvintes".

1 - A pedagogia visual é compreendida segundo Campello (2007), que defende o uso da visualidade na educação dos surdos e de uma "pedagogia visual", explicada como aquela que faz uso da Língua de Sinais e elementos da cultura surda.

Assim, trabalhamos ao encontro de uma prática pedagógica centrada na perspectiva do ensino bilíngue, compreendendo esse conceito, segundo Favorito (2006), como uma proposta de ensino especial para surdos, que utiliza com a criança surda duas línguas no contexto escolar: a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Portuguesa na modalidade escrita, sendo a Língua de Sinais a língua de instrução, mediadora de todo o processo de aprendizagem, inclusive da leitura e da escrita, buscando atender a especificidades linguísticas do sujeito surdo e suas singularidades culturais e sociais.

Em meio ao contexto emergencial, sem contato direto entre professores e alunos, não havia garantia da Língua de Sinais para a instrução dos estudantes, que receberiam suas atividades impressas e ficariam dependendo de ação complementar da família para acesso a informações por meio da LIBRAS. Ora, como proporcionar atividades razoavelmente acessíveis, se muitas das famílias não têm pleno domínio da Língua de Sinais e, ainda, muitas delas não possuem o preparo ou nível de instrução mínimo para possibilitar a oferta de apoio complementar ao material enviado pelos professores?

Outros autores já abordaram práticas pedagógicas baseadas em materiais didáticos acessíveis para surdos. Lima da Silva Gomes e Souza (2020), por exemplo, abordam a questão dos livros didáticos acessíveis em LIBRAS, destacando que, mesmo com os recursos da pedagogia visual, o que trouxe um melhor aproveitamento e possibilitou que as aprendizagens ganhassem significados foram "as estratégias de mediação entre alunos e professoras". Segundo as autoras, "o LDA isoladamente não promoveu significado para os alunos surdos".

Imaginem então o tamanho do nosso desafio, não podendo contar com a interação professor-aluno, não dispondo até aquele momento de recursos digitais e internet para contato com nossos estudantes e tendo uma limitação linguística clara entre a família que faria essa ponte com a escola.

Neste aspecto, nosso desafio diante do paradigma educacional bilíngue bicultural de nossa instituição, na produção de materiais impressos, demandou que o grupo intensificasse o trabalho de produção de material atentando aos artefatos pedagógicos condizentes para a construção de um processo de ensino-aprendizagem significativo, respeitando a leitura de mundo dos educandos, tornando-os autores e protagonistas do seu processo de formação (FREIRE, 2012).

O surdo tem especificidades escolares que requerem preconizar um ensino a partir da sua diferença linguística. Nesse formato educacional de ensino remoto, a experiência visual foi o prin-

cipal pilar dos artefatos para o ensino que priorizamos na produção dos materiais didáticos impressos dos alunos surdos. Assim, corroboramos com os pressupostos que compreendem as experiências visuais como base na construção do conhecimento durante o processo de ensino-aprendizagem dos indivíduos surdos, uma vez que suas experiências de mundo são do campo visual espacial.

Toma-se, como pressuposto de discussão, portanto, que é a experiência visual que precisa basilar as propostas educacionais para os surdos. Sendo o povo do olho, nada mais justo do que pensar a educação para este povo a partir das suas especificidades linguísticas, culturais e de interação e compreensão do mundo. (LEBEDEFF, 2017, p.230-231)

Em outras palavras, nossas atividades procuraram oferecer: a) riqueza de imagens: sendo o recurso visual contemplado o máximo quanto possível, inclusive como possibilidade de apontar pistas para a compreensão dos enunciados textuais (por exemplo: imagens das palavras-chave, imagens dos sinais, elementos gráficos que complementam o textual etc.); b) vocabulário sucinto e objetivo: considerando o nível de compreensão da Língua Portuguesa na hora de elaborar os enunciados, priorizando frases curtas, com ideias claras e, preferencialmente, utilizando palavras com as quais os alunos já estivessem familiarizados; c) autoestudo: atividades direcionadas para a realização de forma mais autônoma possível pelo estudante, de modo a demandar o mínimo de apoio externo, buscando suprir as lacunas comunicacionais possivelmente vivenciadas pelo aluno (quando o professor considerava adequado, era indicado também acrescentar uma ou mais folhas de apoio com glossário/manuário do vocabulário utilizado nas atividades enviadas).

Sobre a utilização das imagens, consideramos pertinente destacar que é preciso haver cuidado com os excessos de imagens (quantidade não indica qualidade), lembrando que a imagem por si só não traz todas as respostas, nem sempre são autoexplicativas e nem possuem significado único. Elas devem ocupar no texto/atividade um espaço para além do mero enfeite decorativo, sendo utilizadas como pistas visuais para potencializar aprendizados.

Como proposta de apoio aos professores, elencamos alguns sites e recursos disponíveis na internet, visando diversificar a oferta de atividades e enriquecer as possibilidades de contemplar aspectos lúdicos, por meio do material impresso. Dentre os recursos destacados, havia a possibilidade de fonte alternativa para utilização de letras pontilhadas ou cursivas[2], fonte em LIBRAS[3] com as configurações de mãos do alfabeto e

2 - A utilização da letra cursiva não é uma obrigatoriedade, nem consenso. Como possibilidade de oferecer o recurso para aqueles professores que desejassem utilizar, indicamos o site https://www.dafont.com/pt/theme.php?cat=602

3 - Com esse recurso, você digita normalmente e o texto já sai com as configurações de mãos indicadas. Pode ser baixado gratuitamente em: https://fontmeme.com/fontes/fonte-libras-2019/

numerais, banco de imagens com possibilidade de uso aberto (creative commons)[4], sites para criação de palavras cruzadas[5], criação de caça-palavras[6] e labirintos[7], o aplicativo Book Creator[8] (como opção para criação de livros eletrônicos, álbuns de fotos, histórias em quadrinhos e apresentações animadas), e até mesmo sites com simuladores virtuais como o PHET[9] que, embora tenha como maior objetivo a utilização on-line pelo aluno, é possível que o professor elabore ali sua atividade, gerando as imagens e trazendo para o arquivo de texto (por meio do "print de tela" ou outros recursos disponíveis no próprio site). Além disso, são disponibilizados também materiais de apoio ao professor e sugestões de outras atividades possíveis de serem criadas por meio impresso.

Sobre o tipo de fonte utilizada na criação das atividades, não existia uma padronização, mas foi indicada a utilização da ARIAL em caixa alta (letras maiúsculas), pois facilita o reconhecimento por parte dos alunos que ainda estão em fase inicial de apropriação da escrita. Logicamente outras fontes podem ser utilizadas, sendo recomendado apenas evitar aquelas estilizadas que fogem ao padrão da letra de imprensa (que pode dificultar o reconhecimento por parte dos alunos). Quanto ao tamanho da fonte, não há também uma padronização estabelecida, no entanto, a sugestão é que as letras sejam pelo menos em tamanho 12 ou 14, dependendo da atividade e do público a que se destina. Apenas para contextualização, existem apontamentos de que o tamanho dos caracteres deva ser, quando possível, "para o primeiro ano, em corpo 16, para o segundo em corpo 14, e terceiro e quarto, em corpo 12" (LOURENÇO, 2011, p. 106). Essa sugestão do tamanho dos caracteres também é apontado por Alves (2014, p. 40) e por Silva e Guimarães (2016, p. 92) que, além de indicar a fonte 14, ainda sugerem entrelinhas (para respostas) tamanho 19. De acordo com as autoras, essa sugestão "se deve ao modo de decodificação do texto pelos alunos surdos e à pouca familiaridade com a escrita; afinal se trata de material didático voltado para o nível básico". É importante lembrar ainda que os alunos com baixa visão precisam de uma fonte maior, sendo possível optar pela elaboração da atividade em A3 para esse grupo de alunos.

3. EXEMPLOS DE ATIVIDADES CRIADAS

As imagens a seguir trazem alguns fragmentos das atividades desenvolvidas pela professora Patrícia Menezes para a turma de 4º ano, com o objetivo de retomar o conceito de lugar, endereço e alguns conteúdos relacionados ao ensino de História.

4 - Existem diversos sites com esse tipo de recurso, elencamos aqui: https://www.pexels.com/pt-br/creative-commons-images/ e https://pixabay.com/pt/

5 - Disponível em: https://www.educolorir.com/crosswordgenerator.php

6 - Disponível em: https://www.geniol.com.br/palavras/caca-palavras/criador/

7 - Disponível em: http://puzzlemaker.discoveryeducation.com/AdvMazeSetupForm.asp

8 - Disponível em: https://bookcreator.com/

9 - Simuladores virtuais do PHET: é um projeto de recursos educacionais abertos sem fins lucrativos que cria e hospeda explicações interativas, oferecendo simulações de matemática e ciências divertidas, interativas, grátis, baseadas em pesquisas. Disponível em: https://phet.colorado.edu/pt_BR/simulationsfilter?levels=elementary-school&sort=alpha&view=grid

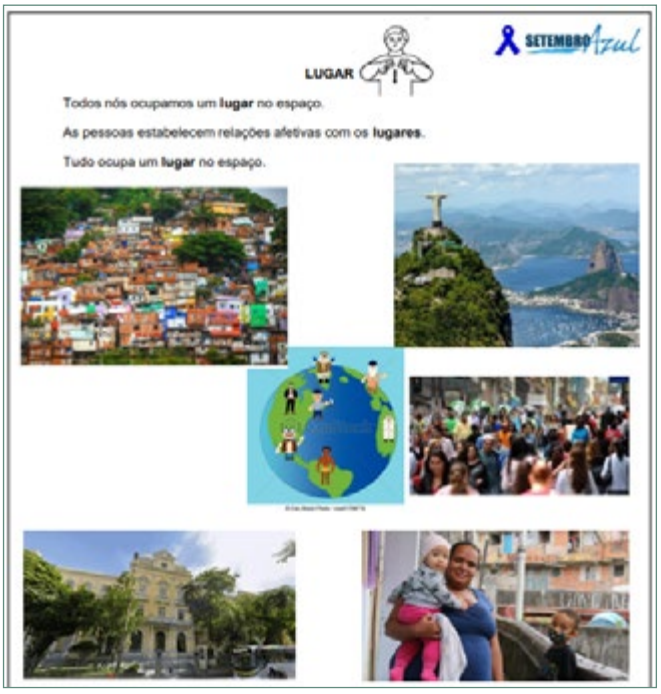


FIGURA 1 - Atividade desenvolvida com alunos do 4° ano - Tema: "Lugar"



FIGURA 2 - Atividade desenvolvida com alunos do 4° ano - Tema: "Localização"



FIGURA 3 - Atividade desenvolvida com alunos do 4° ano - Tema: "História - Descobrimento do Brasil"

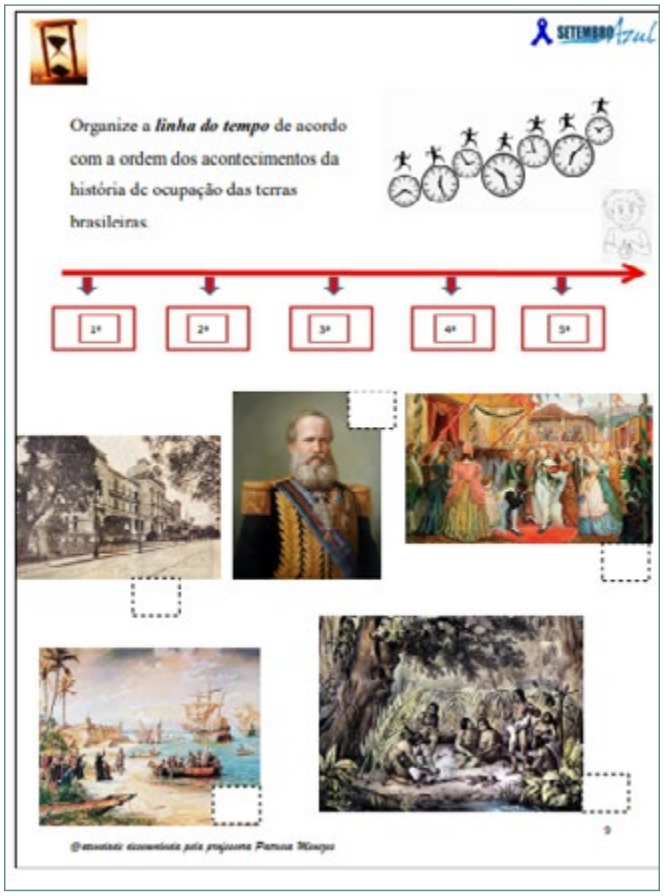


FIGURA 4 - Atividade desenvolvida com alunos do 4° ano - Tema: "História - Ocupação das terras brasileiras"

Abaixo, alguns exemplos das atividades desenvolvidas pela professora Viviane Pinheiro para a turma de 5º ano, com o objetivo de retomar o conceito de gênero textual notícia, explorando também uma atividade com foco no vocabulário.

Como já afirmamos anteriormente, por se tratar o INES de uma instituição que tem como proposta pedagógica um ensino de matriz bilíngue, no qual é compreendida a instrução na Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa na modalidade escrita, como segunda língua (L2), é importante compreendermos o papel e a importância da conquista da sua L1 para a construção de todo o processo de ensino-aprendizado dos alunos surdos. As atividades abaixo – elaboradas pelo professor Augusto Machado – , para as turmas de 3º ano, trazem mais alguns exemplos da abordagem utilizada.



FIGURA 5 - Atividade desenvolvida com alunos do 5° ano - Tema: "Gênero - Notícia"

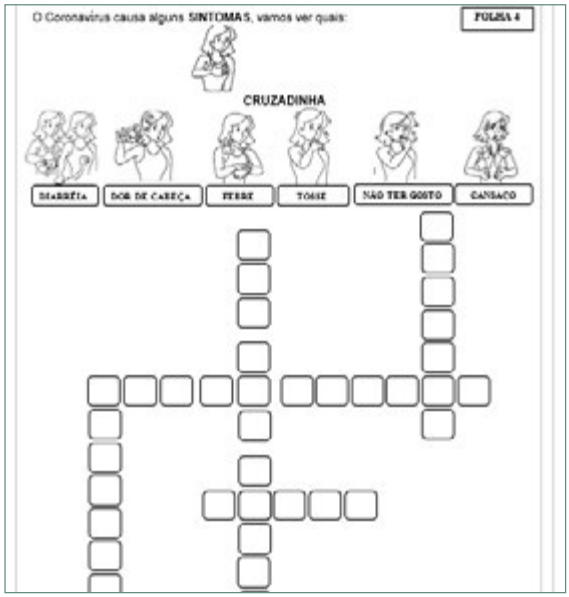


FIGURA 6 - Atividade desenvolvida com alunos do 5° ano - Tema: "Coronavirus"



FIGURA 7 - Atividade desenvolvida com alunos do 3° ano - Tema: "Animais"

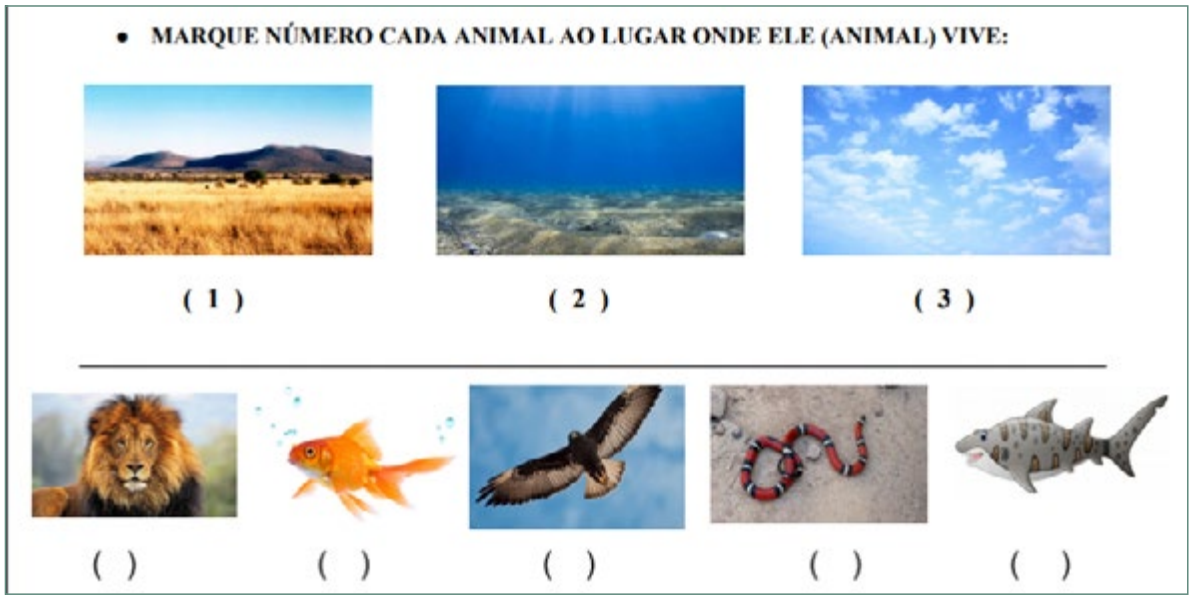


FIGURA 8 - Atividade desenvolvida com alunos do 3° ano - Tema: "Animais"

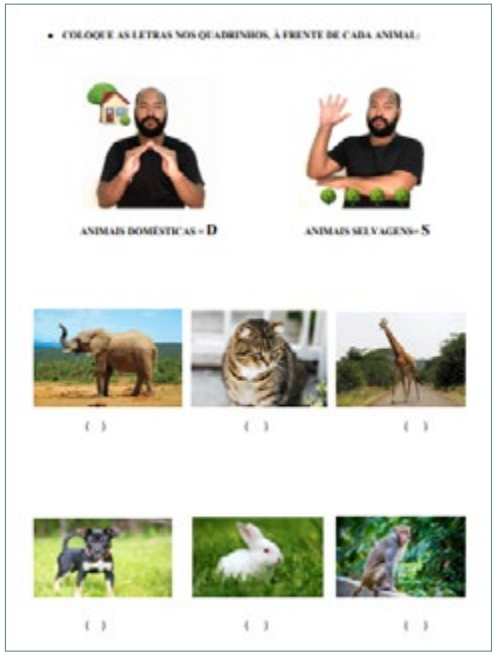


FIGURA 9 - Atividade desenvolvida com alunos do 3° ano - Tema: "Animais domésticos e selvagens"

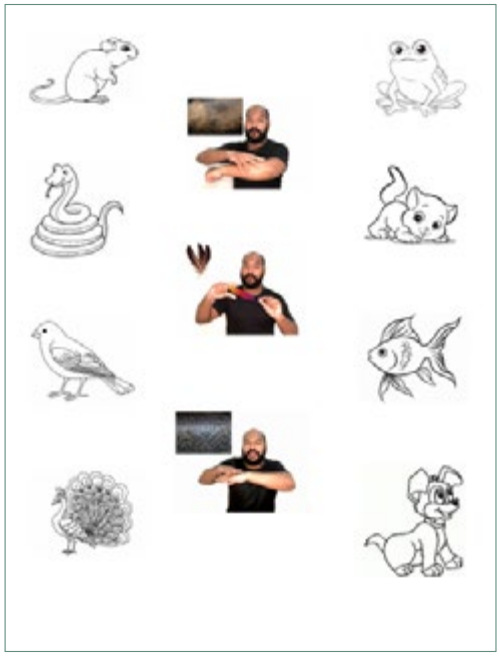


FIGURA 10 - Atividade desenvolvida com alunos do 3° ano - Tema: "Características - animais"

A experiência de ensino remoto com as confecções desses materiais impressos incorporou, em sua proposta, a produção de materiais pertinentes às práticas de uma educação bilíngue para surdos, respeitando a comunicação utilizada pelos educandos; logo, se torna essencial o uso da Língua de Sinais (Libras) constituída essencialmente por signos visuais, como maior aliado no processo de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, em nossas produções há uso de imagens, escritas de sinais e datilologia de palavras-chave, que irão nortear o aluno sobre a atividade elaborada, no intuito de potencializar e solidificar a construção do conhecimento pelo sujeito surdo e o seu processo de letramento. É possível perceber também a utilização de fotografias para representação dos sinais de palavras-chave no enunciado da atividade.

Compreendem-se signos a partir de Campello (2008, p.100):

> A terminologia signo visual está sempre relacionada à realidade dos sujeitos Surdos que se constitui na medida da apropriação do signo por meio do "ver" tendo, portanto, o seu processamento visual distinto do processamento da "fala".

Essa tarefa na construção desses materiais específicos para educação de surdos não pode ser considerada um movimento fácil, pois pensar em propostas de ensino para os sujeitos surdos requer primeiramente uma imersão na cultura, na sua forma espaço-visual de ler o mundo e tempo para construir um material significativo de maneira que não coloque o sujeito surdo em questões minoritárias e discriminatórias, além de demandar um minucioso movimento de adequações para que os signos visuais apresentados sejam capazes de constituir o objetivo de ensino proposto.

Como uma proposta complementar, alguns professores optaram pela inclusão de QR Codes como caminho para ligar a atividade impressa com o conteúdo on-line. A atividade abaixo, desenvolvida pelo professor Isaac Gomes, traz um exemplo de como é possível enriquecer o conteúdo impresso fazendo uma ligação com vídeos explicativos em LIBRAS e disponíveis na internet. Como o acesso não era garantido para todos os alunos, o material em LIBRAS tinha caráter complementar à atividade impressa, podendo o aluno acompanhar o conteúdo mesmo sem a versão on-line.



FIGURA 11 - Uso de QR Code para acesso a vídeos em Libras como recurso complementar as atividades impressas

Além dos desafios já aqui mencionados, temos ainda aqueles relacionados à inclusão de estudantes com outros comprometimentos além da surdez, que demandam atendimento diferenciado por meio de apoio de mediador pedagógico. Para esses casos, os materiais também foram adaptados, procurando respeitar a singularidade apresentada por cada estudante individualmente em seu PEI.

A atividade a seguir, elaborada pela professora Daniele Finni para um aluno mediado do 3º ano, traz alguns elementos indicativos da abordagem metodológica desenvolvida.

Parece evidente que embora sigam os princípios norteadores de uma pedagogia visual para surdos, nenhuma das atividades acima cumpre tão bem o papel que o professor ocupa como interlocutor



FIGURA 12 - Atividade desenvolvida com aluno mediado - 3° ano

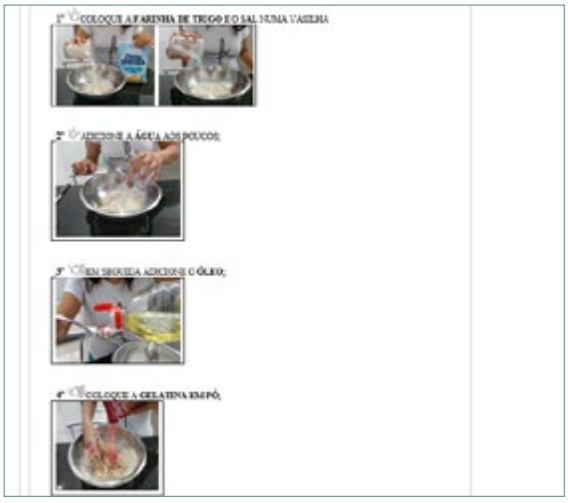


FIGURA 13 - Atividade desenvolvida com aluno mediado - 3° ano



FIGURA 14 - Atividade desenvolvida com aluno mediado - 3° ano



FIGURA 15 - Atividade desenvolvida com aluno mediado - 3° ano

e mediador no processo de aprendizagem. Não dá para se imaginar que atividades como estas tenham o intuito de suprimir a necessidade da interação – seja com professor ou colegas – por meio da LIBRAS, nem tampouco achar que, por mais bem elaboradas que estejam, essas atividades conseguem abarcar todas as possíveis dúvidas e dificuldades dos estudantes. Pelo contrário. Sabemos de seus limitados alcances e não desejamos que elas ocupem nada mais que uma lacuna temporária e emergencial, enquanto não podemos retomar nossas atividades docentes de maneira mais integral, em contato com nossos estudantes.

4. LIMITAÇÕES E POSSIBILIDADES (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Queremos lembrar, portanto, que a escola é muito mais do que mero espaço de "passagem de conteúdos", escola é espaço de trocas, de afetos, de brincar, de papear, de interação humana e não apenas aquilo que o currículo escolar engloba por meio de apostilas e materiais didáticos.

Diante das profundas diferenças sociais e econômicas que afetam fortemente as propostas de ensino remoto, principalmente aquelas centradas no uso de equipamentos digitais e internet, fomos impelidos a concentrar nossas ações em atividades exclusivamente impressas, o que gerou grandes desafios para nós em diversos aspectos. Longe de ser a melhor opção para atendimento de estudantes surdos – principalmente nesse modelo de atividades exclusivamente impressas –, precisamos ter clareza quanto às limitações do ensino remoto praticado nesse período emergencial. Sabendo que ele pode cumprir algumas funções importantes na continuidade de contato com conteúdo disciplinar e manutenção dos laços afetivos com a comunidade escolar, precisamos reforçar nosso compromisso de fazer o melhor possível dentro daquelas opções que temos à mão.

Em uma sexta-feira aparentemente comum, nos despedimos de alunos e colegas como em todos os outros dias, sem imaginar que tantas mudanças nos atropelariam. Que este artigo registre todo o nosso empenho em oferecer o melhor ensino possível, dentro das limitadas condições atuais. Esperamos regressar em breve para o contato acolhedor, cheio de interações e afetos, que chamamos sala de aula.

REFERÊNCIAS

ALVES, Wendy de Cássia. **Manual de recomendações sobre a legibilidade visual de livros didáticos de Língua Portuguesa para o 1.º ano do Ensino Fundamental**. 2014. 102 f. Trabalho de Diplomação – Curso Superior de Tecnologia em Design Gráfico, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/6799/1/CT_CODEG_2014_1_05.pdf.pdf . Acesso em: 22 set. 2020.

CAMPELLO, A. R. Pedagogia Visual; Sinal na Educação dos Surdos. In: QUADROS, R. M; PERLIN, G. (org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Editora Arara Azul. 2007.

COLACIQUE, Rachel. **Visualidades surdas na cibercultura:** aprendizagens em rede. 2018. 242 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: http://www.proped.pro.br/ . Acesso em: 22 set. 2020.

FAVORITO, Wilma. **"O Difícil são as palavras":** representações de/sobre estabelecidos e outsiders na escolarização de jovens e adultos surdos. Campinas, SP : [s.n.], 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes Necessários à prática educativa. [S.l.]: Paz e Terra, 2012.

LEBEDEFF, T.B. O Povo do olho: uma discussão sobre a experiência visual e surdez. In: LEBEDEFF, T.B. et al (org.). **Letramento Visual e Surdez**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

LIMA DA SILVA GOMES, Ellen Midiã; DE SOUZA, Flávia Faissal. **Pedagogia visual na educação de surdos:** análise dos recursos visuais inseridos em um LDA. Revista Docência e Cibercultura, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 99-120, abr. 2020. ISSN 2594-9004. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/49323/33257 . Acesso em: 22 set. 2020.

LOURENÇO, Daniel. **Tipografia para livro de literatura infantil:** Desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers. Curitiba, 2011. Dissertação (Mestrado em Design de Sistemas de Informação) – Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/26092/TIPOGRAFIA%20PARA%20LIVRO%20INFANTIL%20Desenvolvimento%20de%20um%20guia%20com%20recomendacoes%20tipograficas%20para%20designers.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em: 22 set. 2020.

PERLIN, Gládis T. T. **O ser e o estar sendo Surdos:** alteridade, diferença e identidade. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

PERLIN, Gládis T. T.; STRÖBEL, Karin. **Fundamentos da educação de Surdo**s. Florianópolis: UFSC, 2008.

SILVA, G. M.; GUIMARÃES, A. B. C. Materiais didáticos para o ensino de português como segunda língua para surdos: uma proposta para o nível básico. In: GONÇALVES, L. (org.) **Português como Língua Estrangeira, de Herança e Materna:** abordagens, contextos e práticas. Roosevelt, New Jersey: AOTP – American Organization of Teachers of Portuguese/ Boavista Press, 2016. p. 79-96. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/portuguesl2surdos/Silva_Guimar%C3%A3es_2016_artigo.pdf . Acesso em: 22 set. 2020.

SKLIAR, Carlos. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR, C. (org.). **Educação e exclusão:** abordagens socioantropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997. p. 105-153. (Cadernos de autoria, 2).

STRÖBEL, Karin. **Surdos:** vestígios culturais não registrados na história. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91978. Acesso em: 22 set. 2020.

STRÖBEL, Karin. Desafios da ubiquidade para a educação. **Ensino Superior Unicamp**, v. 9, p. 19-28, 2013. Disponível em: https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf. Acesso em: 22 set. 2020.

UM OLHAR PARA A REALIDADE DOS ALUNOS DO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS NA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

ROSÁRIA DE FÁTIMA CORREA MAIA

JULIANA BARBOZA AMORIM DO NASCIMENTO

LEONARDO VELOSO

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre alguns aspectos da realidade dos nossos alunos durante o período de pandemia. Foi realizado um levantamento socioeconômico, a fim de distribuir cesta básica para os alunos mais vulneráveis. A partir daí, percebemos a pobreza estrutural de muitos de nossos alunos e a dependência da política de assistência social. Refletimos também a respeito do seu local de moradia, fazendo um cruzamento com a incidência de casos de coronavírus em cada bairro. Acreditamos que esses achados poderão ser de grande importância para subsidiar propostas pedagógicas e de atendimento durante e pós-pandemia que dialoguem com a realidade dos nossos alunos.

Palavras-chave: Surdez. Desigualdade. Pandemia.

ABSTRACT

This article aims to reflect on some aspects of the reality of our students during the pandemic period. A socioeconomic survey was carried out in order to distribute basic food baskets to the most vulnerable students. According to this we realized the structural poverty of many students and the political dependence on social assistance, we also reflected on their place of residence, making a cross with the incidence of coronavirus cases in each neighborhood. We believe that these find out may be of great importance to support pedagogical and care proposals during and after the pandemic that dialogue with the reality of our students.

Key words: Deafness. Inequality. Pandemic.

ROSARIA DE FÁTIMA CORREA MAIA
E-mail: rmaia@ines.gov.br
Instituição: INES

LEONARDO VELOSO
E-mail: loredo.leonardo@gmail.com; associacaoapines@gmail.com
Instituição: Associação de Pais do INES (APINES)

JULIANA BARBOZA AMORIM DO NASCIMENTO
E-mail: jnascimento@ines.gov.br
Instituição: INES

INTRODUÇÃO

O presente artigo surgiu a partir de reflexões diárias entre os Assistentes Sociais do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e o Presidente da Associação de Pais do INES (APINES), após a decretação do estado de emergência na saúde pública do estado do Rio de Janeiro, em razão do contágio do coronavírus, através do Decreto nº 46.973, de 16 de março de 2020.

Quando foi decretada a situação de emergência em saúde, em que o INES precisou fechar e os servidores aderirem ao trabalho remoto, desconhecíamos o período que a pandemia duraria, mas entendemos que teríamos que continuar mantendo contato com nossos alunos. No entanto, não tínhamos todas as ferramentas de dados dos alunos à nossa disposição, pois estavam arquivados nos computadores do INES; e também não tivemos, em princípio, acesso ao Sistema Interno de alunos do INES, que tinha essas informações. Portanto, a primeira questão que enfrentamos era: como nos comunicarmos com nossos alunos?

1. ALUNOS SURDOS DO CAP INES NA PANDEMIA: QUEM SÃO E ONDE ELES ESTÃO?

O Serviço Social tem uma parceria histórica com a APINES desde 1996 e nos articulamos para não perdermos o contato com a realidade das pessoas surdas; nosso objetivo inicial foi verificar a vulnerabilidade socioeconômica dos nossos alunos. Por não termos acesso aos dados, criamos na plataforma Google uma autoavaliação social, para que pudéssemos conhecer essa realidade e criar critérios socioeconômicos para distribuição de cestas básicas. A doação foi realizada em parceria com a Associação de Pais e a Caixa Escolar do INES, com o Serviço Social, que elaborou os critérios socioeconômicos para atendimento inicial aos mais vulneráveis do universo de 427 alunos.

Inicialmente apenas 231 alunos/familiares preencheram o formulário que estava disponível na página do INES; acreditamos que isso possa ter ocorrido devido à dificuldade de acesso dos alunos/familiares à internet. Nesse levantamento pudemos ver a situação de pobreza estrutural de muitos de nossos alunos e a dependência de políticas de assistência social.

De acordo com documento formulado pela FIOCRUZ que trata sobre a saúde da criança e do adolescente e a Covid- 19:

> A pandemia causada pelo coronavírus (COVID- 19) não é um processo meramente biomédico, visto que as condições sociais, articuladas aos aspectos territoriais, são determinantes nas consequências causadas na população contaminada, sendo assimétrica nos efeitos, na capacidade de se proteger, de acordo com grupos populacionais. (FIOCRUZ, 2020, p.28)

Portanto, a situação de vulnerabilidade com o isolamento social levou aos nossos alunos e familiares dificuldades concretas no campo da alimentação. Dos 231 respondentes, 165 informaram a vinculação previdenciária/assistencial/trabalhista, conforme aponta a tabela 1 abaixo:

	RESPOSTAS	PERCENTUAL DO BENEFÍCIO AOS ALUNOS
Possui Cadastro Único	65	39,39%
Realiza trabalho informal	44	26,67%
Não recebe Benefício Social ou Previdenciário	17	10,30%
Recebe BPC (Benefício de Prestação Continuada)	96	58,18%
Recebe Auxílio Emergencial	28	16,97%
Recebe pensão por morte	4	2,42%
Possuem trabalho de carteira assinada	34	20,61%
TOTAL ALUNOS	**165**	

TABELA 1: Situação socioeconômica dos alunos do INES
Fonte: Levantamento Social realizado pela Divisão Socio-Psicopedagógica - DISOP/INES, 2020.

Conforme aponta Boaventura Souza Santos (2020), qualquer quarentena é sempre discriminatória e mais difícil para uns grupos sociais que outros. O autor vai trazer diversos grupos que ele considera mais vulneráveis durante a pandemia. Então, trazendo para a realidade do INES, podemos destacar: os trabalhadores de rua, ambulantes e trabalhadores informais, "que são grupos específicos de trabalhadores precários" (SANTOS, 2020, p. 16). No INES tivemos um total de 26, 67% de alunos cujas famílias dependem desse tipo de trabalho para sobreviver e que tiveram seu orçamento afetado durante o período de isolamento social.

Outro grupo de que o autor vai tratar são os deficientes:

> Também os deficientes têm sido vítimas de outra forma de dominação, além do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado: o capacitismo. Trata-se da forma como a sociedade os discrimina, não lhes reconhecendo as suas necessidades especiais, não lhes facilitando acesso à mobilidade

> e às condições que lhes permitiriam desfrutar da sociedade como qualquer outra pessoa. De algum modo, as limitações que a sociedade lhes impõe fazem com que se sintam a viver em quarentena permanente. Como viverão a nova quarentena, sobretudo quando dependem de quem tem de violar a quarentena para lhes prestar alguma ajuda? Como já há muito se habituaram a viver em condições de algum confinamento, sentir-se-ão agora mais livres que os «não deficientes» ou mais iguais a eles? Verão tristemente na nova quarentena alguma justiça social? (SANTOS, 2020, p. 19)

Ainda de acordo com Santos (2020, p.15), "as mulheres são, por natureza, responsáveis pelo cuidado, então nessa pandemia é [*sic*] justamente elas que vão carregar o fardo de tomar conta da casa, de tomar conta dos filhos, de cuidar das pessoas". Nossos alunos têm como suas cuidadoras, a maioria mulheres, pois são elas que os levam para a escola todo dia, que cuidam em casa, que ajudam nas tarefas escolares. A maioria dos alunos do Ensino Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental vão para a escola levados por seus responsáveis. Então esse grupo seria um dos grupos que ficariam mais sobrecarregados nessa pandemia, principalmente com o aumento de tempo em que as pessoas ficariam sob seus cuidados, como no caso da suspensão das aulas, quando as crianças ficaram mais tempo em casa que o costume.

Acrescentando a tudo isso, como aponta estudo elaborado pela FIOCRUZ:

> Sendo o espaço urbano desigual, nos territórios onde a pobreza urbana é mais acentuada as estratégias individuais de prevenção e orientação de controle como o distanciamento social são extremamente dificultadas, seja pela alta densidade demográfica, limitações de espaço e infraestrutura das moradias, deficiência no saneamento, arruamentos e autoconstruções e dificuldade no acesso aos serviços de saúde e demais equipamentos urbanos (FIOCRUZ, 2020, p.29).

Estamos no mesmo mar, mas não estamos no mesmo barco na pandemia. Desigualdades históricas ficaram mais visíveis: ficar em casa para alguns com trabalho remoto significa ter casa na serra, apartamento com vários cômodos, acesso irrestrito à internet. Diferentemente, para outros é ter trabalhos precarizados, trabalhos informais, residir em cômodos apertados com mais de uma pessoa dividindo o quarto, em favelas com becos e com pouca ventilação, com água sem regularidade na oferta, valas abertas e o acesso precário a serviços públicos, em áreas conflagradas pelo tráfico ou pela milícia, com quadro de violência estrutural.

Conforme Santos (2020, p. 6), "[...] a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita." Com a nova hegemonia liberal-financeira, ocorre a diminuição dos investimentos públicos, com trabalhos precarizados, com o aumento da desigualdade, assim vemos uma população mais fragilizada e com condições

de vida bastante adversas no enfrentamento da pandemia.

Outra questão relevante em relação aos alunos do INES é a da moradia. Já no meio da pandemia, tivemos acesso aos dados básicos dos alunos, através do Sistema de Administração Escolar (SAE), como local de moradia no ano letivo de 2020, tendo 427 alunos matriculados.

O INES, por ser uma escola de referência na educação de Surdos, historicamente recebe alunos dos diversos bairros do Rio de Janeiro e de municípios do estado do RJ. Conforme aponta a tabela 2 e o gráfico 1 abaixo, as residências dos alunos estão dispersas em todo o estado do Rio de Janeiro. Fatiamos o estado para melhor entendimento dos eventos. A maior concentração de alunos é residente na Zona Norte e Baixada Fluminense. Apenas 5 alunos moram no bairro de Laranjeiras. As comunidades estão inseridas dentro dos bairros como, por exemplo, Complexo Alemão-Bonsucesso.

ZONA	QUANTIDADE DE ALUNOS	%
Norte	117	27,40
Baixada Fluminense	85	19,90
Oeste	67	15,69
Leopoldina	45	10,54
Sul	34	7,96
Centro	24	5,62
São Gonçalo	23	5,39
Ilha do Governador	11	2,58
Niterói	9	2,11
Outras cidades	9	2,11
Portuária	3	0,70

TABELA 2 - Localização Geográfica da residência dos alunos do Colégio de Aplicação do INES
*Outras cidades: Magé, Itaboraí, Itaguaí, Paty de Alferes.
Fonte: Sistema de Administração Escolar SAE/INES, 2020.

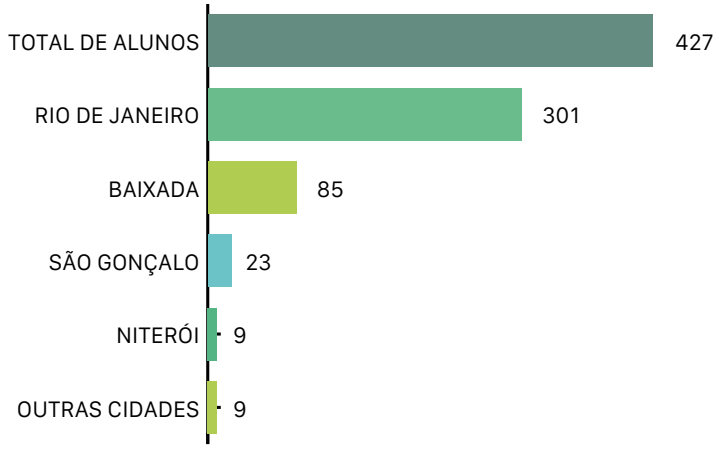


GRÁFICO 1 - Alunos do INES matriculados em 2020
Fonte: Sistema de Administração Escolar SAE/INES, 2020.

Nossos alunos para chegarem à escola são beneficiários da política social de transporte por gratuidades, como o vale social e RioCard especial, utilizando transporte público, conforme gráfico abaixo,

fazendo uso de um, de dois ou mais meios de transportes para chegar à escola. Em tempos de pandemia, conforme estudos da Fundação Oswaldo Cruz, o transporte público é considerado um dos maiores focos de disseminação do coronavírus.

ZONA	ÔNIBUS	TREM	METRÔ	BARCA	BRT	DISTÂNCIA MÉDIA - KM	TEMPO ESTIMADO - MINUTOS
Norte	X	X	X			20	60
Sul	X		X			7	30
Oeste	X		X		X	41	90
Leopoldina	X	X	X			19	60
Portuária	X					8	30
Centro	X		X			7	30
Ilha do Governador	X		X			23	60
Niterói	X			X		23	60
São Gonçalo	X			X		35	90
Outros	X					70	120
Baixada	X	X	X			39	90

TABELA 3 - Transportes públicos disponíveis aos alunos do Colégio de Aplicação do INES
Fonte: Secretarias de Transporte do Estado do Rio de Janeiro.

Conforme tabela 4 referente ao local de moradia de nossos alunos, a sua grande maioria reside a mais de 20 Km do INES, em bairros periféricos e em favelas, caracterizando uma parcela de menor renda da população do Rio de Janeiro beneficiário do Benefício de Prestação Continuada (BPC) e agora do auxílio emergencial, com uma pobreza urbana mais acentuada.

BAIRRO	CIDADE
Raul Veiga	São Gonçalo
Niterói	Niterói
Suruí	Magé
Porto da Pedra	São Gonçalo
Charitas	Niterói
Paraíso	São Gonçalo
Retiro São Joaquim	Itaboraí
Brasilândia	São Gonçalo
Novo México	São Gonçalo
Jockey Club	São Gonçalo
Caramujo	Niterói
Santa Rosa	Niterói
Mutuaguaçu	São Gonçalo
Boaçu	São Gonçalo
Luiz Caçador	São Gonçalo
Vista Alegre	São Gonçalo
Zé Garoto	São Gonçalo
Galo Branco	São Gonçalo
Santa Bárbara	Niterói
Fonseca	Niterói
Arcozelo	Paty do Alferes
Alcântara	São Gonçalo
Nova Marília	Magé
Reta Nova	Itaboraí
Amendoeira	São Gonçalo
Lagoa	Magé
Santa Catarina	São Gonçalo
Guaxindiba	São Gonçalo
Vila Esperança	Magé
Piratininga	Niterói
Piranema	Itaguaí

TABELA 4 - Bairros da região metropolitana do Rio de Janeiro onde residem os alunos do INES
Fonte: O Globo - 01/08/2020; Sistema de Administração Escolar SAE/INES, 2020

Ainda na companhia de Santos (2020, p. 27) observa-se que "[...] quando o surto ocorre, a vulnerabilidade aumenta, porque estão mais expostos à propagação do vírus e se encontram onde os cuidados de saúde nunca chegam: favelas e periferias pobres da cidade." No Brasil. temos o Sistema Único de Saúde (SUS), que durante alguns anos vem sofrendo com subfinanciamento, mas que nesse momento é onde os pobres estão sendo atendidos.

A surdez em si não é fator de risco para o coronavírus, mas dependendo de como foi a causa da surdez, algumas delas podem ter associadas comorbidades que podem, aí sim, fazer parte do grupo de risco para o coronavírus. De acordo com Fiocruz, no Brasil, 45% da população adulta referiu ter pelo menos uma Doença Crônica Não Transmissível (DCNT), com fator de risco que aumenta a possibilidade de complicações causadas pelo coronavírus – como diabetes, hipertensão, obesidade – segundo pesquisa realizada na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) com base de dados na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS/IBGE) de 2013 (REZENDE, 2020).

Segundo Silva, Llerena Jr. e Cardoso,

> [...] a categorização genética é assim definida: malformações congênitas, doenças genéticas de diagnóstico reconhecidamente baseado em critérios clínicos (neurofibromatose tipo II, Usher, Waardenburg, entre outras), consanguinidade parental na ausência de fatores ambientais adversos associados, dois indivíduos do sexo masculino afetados, ou dois indivíduos com dismorfias faciais peculiares similares, ou ainda apresentando a deficiência em questão em mais de duas gerações. A categorização ambiental é assim definida: indivíduos com história patológica pregressa de eventos externos, não constitucionais, como, por exemplo, infecção congênita, descolamento prematuro da placenta, prematuridade, asfixia perinatal, tocotraumatismo, uso de antibióticos ototóxicos, meningoencefalites, traumatismo craniano, dentre outros. A categorização idiopática é assim definida: crianças surdas em que não foram identificados fatores genéticos e/ou ambientais como causas da surdez. (2007, p. 628)

Na literatura mundial, as causas genéticas predominam nos países não periféricos, o que os distancia dos países periféricos, onde as causas idiopáticas e ambientais são majoritárias.

Maia, em estudo realizado no INES em 2016, analisando as causas da surdez por ano de matrículas novas na Educação Infantil (EI), agrupou os achados em 3 classificações: causas genéticas, ambientais e idiopáticas. O estudo avaliou 157 ingressantes no INES, na EI, de 2004 a 2014, tendo como causas genéticas 38 alunos, como causas ambientais 61 alunos e como causas idiopáticas 58 alunos (INES, 2015).

Portanto, seriam necessários maiores estudos sobre a causa da surdez de nossos alunos e os possíveis alunos com comorbidades associadas à causa da surdez

e doenças crônicas adquiridas do nascimento até hoje.

A partir dessas considerações, apresentaremos os dados de casos de Covid 19 no estado do Rio de Janeiro. O Município do Rio de Janeiro foi classificado por zonas administrativas e a Baixada Fluminense somente com os dados dos locais de moradia dos alunos do Colégio de Aplicação do INES matriculados no ano de 2020.

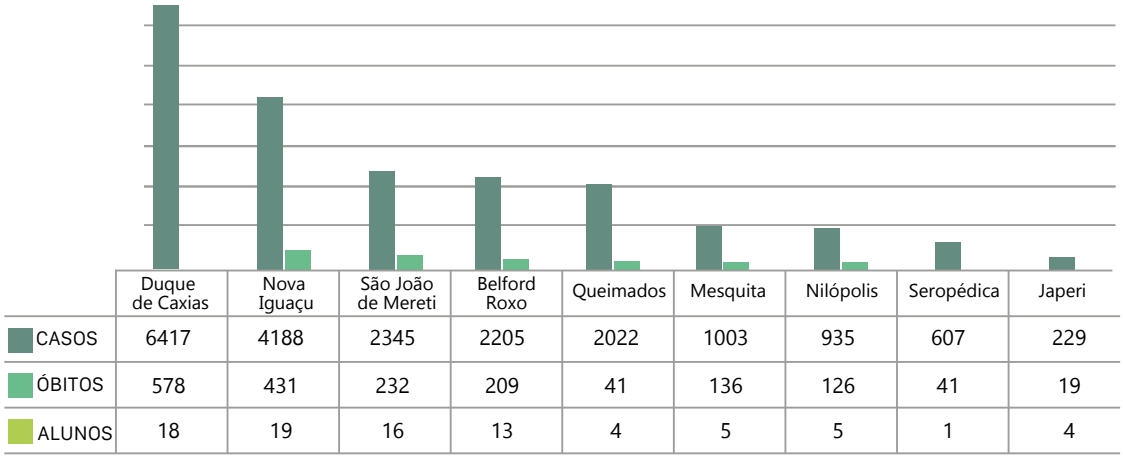
Em 1º de agosto de 2020, tínhamos a seguinte situação no Estado:

CASOS: 19951

ÓBITOS:1904

ALUNOS: 85

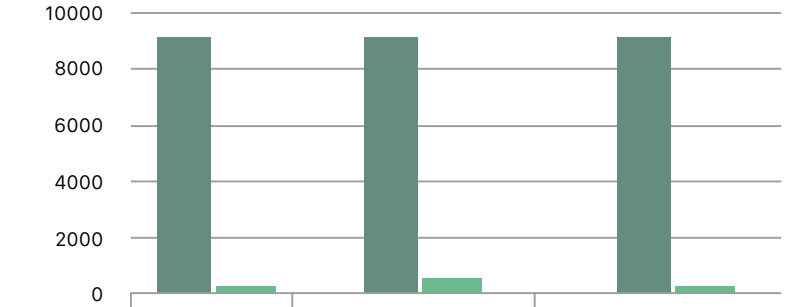
BAIXADA FLUMINENSE



	Duque de Caxias	Nova Iguaçu	São João de Mereti	Belford Roxo	Queimados	Mesquita	Nilópolis	Seropédica	Japeri
CASOS	6417	4188	2345	2205	2022	1003	935	607	229
ÓBITOS	578	431	232	209	41	136	126	41	19
ALUNOS	18	19	16	13	4	5	5	1	4

GRÁFICO 2 - Número de casos, óbitos e locais de moradia dos alunos do INES
Fonte: O GLOBO - 01/08/2020 e INES

NITERÓI/
SÃO GONÇALO



	Niterói	São Gonçalo	Outras cidades
CASOS	9079	8579	7889
ÓBITOS	309	593	424
ALUNOS	9	23	9

GRÁFICO 3 - Número de casos da região metropolitana do Rio de Janeiro onde residem os alunos do INES
Fonte: O Globo - 01/08/2020 e INES

	BAIRRO	CASOS	ÓBITOS	QUANTIDADE DE ALUNOS
1	Bonsucesso	595	108	12
2	Campo Grande	1840	333	9
3	Tijuca	1743	195	8
4	Irajá	614	109	6
5	Santa Cruz	969	196	5
6	Bangu	1341	327	4
7	Copacabana	2067	261	3
8	Taquara	710	119	2
9	Realengo	1104	250	1
10	Senador Camará	417	101	1

TABELA 5 - Índice de Desenvolvimento Social por bairros / relação pela quantidade de alunos do INES
Fonte: O Globo - 01/08/2020 e Sistema de Administração Escolar SAE/INES, 2020

Bonsucesso é o bairro do RJ com maior concentração de favelas. Ao todo são 17: Nova Brasília, Itararé, Adeus, Baixa do Sapateiro, Morro do Pianco, Professor Ministro Brito, Joana Nascimento, Paraibuna, Maré, Timbau, Bento Ribeiro Dantas, Fogo Cruzado, União Pinheiro, Rubem Vaz, Tijolinho, Vila do João, Vila São Pedro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto e ao associar o local de moradia dos alunos relacionando com os casos confirmados de diagnóstico de covid-19 e da letalidade, é necessário estudar se nossos alunos estão suscetíveis à circulação do vírus, mesmo se mantendo no isolamento social e de como eles estariam expostos e em risco ao coronavírus no trajeto Casa/INES.

Acreditamos que esses achados podem ajudar na reflexão sobre a condição de nossos alunos na pandemia e contribuir para os professores e profissionais da escola entenderem a realidade de nossos educandos e para formulações de propostas pedagógicas que dialoguem com essa realidade de desigualdade social, econômica e racial historicamente e estruturalmente construída.

REFERÊNCIAS

ALTINO, Lucas. **Conheça os bairros do Rio com as maiores taxas de mortalidade por casos de Covid-19**. O Globo. 1º de agosto de 2020. Disponível em: https://oglobo.globo.com/rio/conheca-os-bairros-do-rio-com-as-maiores-taxas-de-mortalidade-por-casos-da-covid-19-24562333. Acesso em: 1 ago 2020.

MAIA, Rosária de Fátima Corrêa. **Surdez, educação e políticas sociais:** a educação infantil do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ. Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira. **COVID-19 e Saúde da Criança e do Adolescente**. ago. 2020. Disponível em: https://portaldeboas-praticas.iff.fiocruz.br/atencao-crianca/covid-19-saude-crianca-e-adolescente. Acesso em: 26 ago. 2020.

RIO DE JANEIRO (estado). **Decreto nº 46.973 de 16 de março de 2020**. Reconhece a situação de emergência na saúde pública do estado do Rio de Janeiro em razão do contágio e adota medidas de enfrentamento da propagação decorrente do novo coronavírus (covid-19) e dá outras providências. Rio de Janeiro, mar. 2020. Disponível em: http://www.fazenda.rj.gov.br/sefaz/faces/oracle/webcenter/portalapp/pages/navigation-renderer.jspx?_afrLoop=18060797649065815&datasource=UCMServer%23dDocName%3AWCC42000008239&_adf.ctrl=-state-h8wtvacfh_40. Acesso em: 25 ago. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Almedina. 2020.

SILVA, Eduardo Jorge Custódio da; LLERENA JR, Juan Clinton; CARDOSO, Maria Helena Cabral de Almeida. Estudo seccional descritivo de crianças com deficiência auditiva atendidas no Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n.3, Mar. 2007.

YAZBEK, Maria Carmelita; RAICHELIS, Raquel; SANT'ANA, Raquel. Questão social, trabalho e crise em tempos de pandemia. **Serviço Social & Sociedade**, n. 138, p. 207-213, 2020.





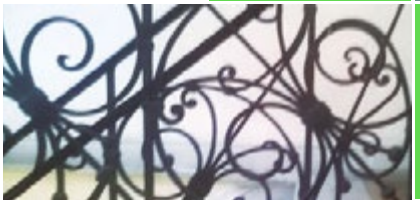
REVISTA Arqueiro

PERIÓDICO DE DIVULGAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS POLÍTICAS E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO DE SURDOS



Nesta edição, a Revista Arqueiro traz excelentes artigos com foco nas estratégias educacionais e práticas pedagógicas realizadas por docentes do Instituto Nacional de Educação de Surdos durante o período de isolamento social e nos desafios sociais enfrentados por surdos na pandemia. E, ainda, nos presenteia com uma enriquecedora entrevista com a médica e pesquisadora do INES Maria Angélica Varela.







INES
Instituto Nacional de
Educação de Surdos

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL